

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ CASA DE OSWALDO CRUZ

DELY NORONHA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz

Entrevistada – Dely Noronha de Bragança Magalhães Pinto (DN)

Entrevistadoras – Laurinda Maciel (LM), Anna Beatriz Almeida (AB), Nathacha Regazzini Bianchi Reis

Data - 01/02/2000

Local - Rio de Janeiro/RJ

Duração – 2h26min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PINTO, Dely Noronha de Bragança Magalhães. *Dely Noronha de Bragança Magalhães Pinto. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz*, 2000. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 64p.

Resenha biográfica

Nasceu em 24 de novembro de 1942, no Rio de Janeiro, filha de Décio Noronha e Otilia Noronha. Com a morte do pai, foi educada por sua mãe e por Manoel Bragança. Fez o curso primário em três instituições de ensino na cidade do Rio de Janeiro, uma delas o Externato Irmã Paula. O curso ginasial foi concluído no Instituto Roccio e o científico na Escola Municipal Souza Aguiar.

No pré-vestibular para medicina, conheceu o professor Fritz de Lauro, médico aposentado e futuro padrinho de formatura do Curso de História Natural, e que teve grande influência em sua trajetória profissional. Foi nas aulas deste professor que desenvolveu seu interesse pela biologia.

Em 1963 ingressou no Curso de História Natural da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, concluindo-o em 1968. Ainda em 1963, iniciou seu trabalho como estagiária no IOC, graças à influência de Domingos Arthur Machado Filho, que havia sido seu professor no científico.

No IOC trabalhou inicialmente na Seção de Bacteriologia e, depois, na Coleção de Diptera, com Lauro Travassos. Em caráter extraoficial, trabalhou também com a Coleção de Lepidoptera da Seção de Helmintologia, atividade que lhe rendeu vários trabalhos científicos como colaboradora de Lauro Travassos. As atividades de campo promovidas pelo IOC foram prejudicadas devido às alergias que desenvolveu em relação aos insetos. Com o agravamento do estado de saúde de Lauro Travassos, no final da década de 1960, passou a ser orientada por João Ferreira Teixeira de Freitas, especializando-se, dentro da helmintologia, no grupo dos acantocéfalos.

Em 1970, após a morte de Lauro Travassos, se recusou a acompanhar a Coleção de Lepidoptera que foi transferida para o Museu Nacional. Por esse motivo, permaneceu como estagiária no IOC. A contratação definitiva como pesquisadora do IOC se deu em 1983, quando por um breve período passou a se dedicar ao estudo dos moluscos. À época, foi responsável por amplas modificações nas instalações do Laboratório de Esquistossomose Experimental do Departamento de Helmintologia, como a implantação do sistema de água corrente para os aquários de moluscos. Em seu retorno ao Laboratório de Helmintos Parasitos de Vertebrados, passou a auxiliar Delir Corrêa Gomes Maués da Serra Freire, curadora da Coleção Helmintológica do IOC.

Em 1989 assumiu a curadoria da Coleção Helmintológica, cargo que ocupou até 2007, mesmo após a sua aposentadoria em 1996. Ao longo deste período, se dedicou à implantação de novos sistemas para a manutenção da coleção, entre eles, a climatização e a conservação da coleção e do acervo bibliográfico, a organização e informatização das separatas e livros e a catalogação de frascos e lâminas.

Sumário

Fita 1 – Lado A

Origem familiar e o fascínio pelo pai; os primeiros estudos; a sensação quando pela primeira vez foi ao Teatro Municipal; o prêmio recebido do presidente Dutra; resultado de um concurso promovido entre estudantes de jardim de infância; lembranças da infância; o desejo de fazer um concurso para integrar o corpo do balé do Teatro Municipal e a reação da família; as disciplinas durante o curso básico e seu interesse por História e, principalmente, Química, a partir da vivência em laboratórios; as aulas de ciências com Domingos Arthur Machado Filho, pesquisador do IOC; o primeiro pré-vestibular em Química e o motivo de sua desistência; a segunda opção, História; a opção por Medicina e as aulas de Biologia com Fritz de Lauro.

Fita 1 - Lado B

Influência de Fritz de Lauro e o primeiro contato com uma coleção científica; a desistência da Medicina e a escolha por História Natural; comentários sobre o estágio no Departamento de Bacteriologia do IOC e a importância de Arthur Machado Filho; o convite de Lauro Travassos para trabalhar na coleção de borboletas e o início de sua carreira em pesquisa científica; a reação da família por sua opção pelo trabalho no IOC e pelo vestibular em História Natural; o trabalho na coleção de borboletas e sua relação com Lauro Travassos, Hugo de Souza Lopes e outros pesquisadores, neste período; a experiência como aluna na Faculdade de História Natural no período do golpe militar de 1964; as várias disciplinas e os professores da faculdade; comentários sobre as diferenças entre História Natural e Biologia; as bolsas de estudo para pesquisa; a repressão política na Faculdade Nacional de Filosofia.

Fita 2 – Lado A

Comentários sobre a repercussão do período de repressão política na década de 1960, no IOC; o início do trabalho na helminthologia junto a João Ferreira Teixeira de Freitas e o aprendizado com desenhos microscópicos; as atividades como professora de ciências na rede particular e estadual de ensino; o trabalho no IOC ainda como bolsista; comentários sobre as atividades de Delir Corrêa Gomes na Coleção Helmintológica e sobre a situação dos pesquisadores bolsistas no IOC; a contratação efetiva em 1983 para trabalhar com Míriam Tendler no Laboratório de Esquistosomose Experimental; o trabalho como responsável pelo moluscário; a difícil situação das Coleções Científicas na mudança do IOC para Fundação Oswaldo Cruz, na década de 1970 e o desejo da transferência para o Museu Nacional; mulheres cientistas no IOC e dificuldades do campo profissional feminino em ambiente majoritariamente masculino; as reuniões realizadas mensalmente para discussão de trabalhos na Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro; a publicação de trabalho próprio nas Atas da Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro, sua importância como periódico de divulgação científica e o processo de extinção; detalhamento das rotinas de trabalho no moluscário,

cuidados com a temperatura ambiente e a cloração da água; o retorno para a helmintologia e o trabalho de rotina na manutenção da coleção; a atividade docente no IOC.

Fita 2 – Lado B

Continuação da abordagem sobre a atividade docente no IOC e a predileção pela área de pesquisa em laboratório; considerações sobre o início da constituição da Coleção Helmintológica com Adolpho Lutz e Gomes de Faria; importância histórica e científica das amostras do Instituto Bacteriológico de São Paulo, do Instituto Pasteur, do Butantan e da Escola Baiana de Medicina, incorporadas posteriormente à coleção do IOC; depósitos, empréstimos e doações entre instituições e o trabalho de agregar novas amostras coletadas nas excursões científicas à Coleção Helmintológica; informatização das coleções e o trabalho do curador; viagens para coleta de novas amostras; a divulgação e o envio de material das coleções para outras instituições; as condições ideais para a existência e manutenção de uma coleção; o apoio do IOC às coleções; a falta de quadros na Fiocruz e a necessidade de realização de concurso público.

Fita 3 – Lado A

A carência de funcionários para um tratamento adequado à Coleção Helmintológica; a descontinuidade nas atividades cotidianas de bolsistas e seu vínculo precário com a Fiocruz; a utilização da coleção por um pequeno grupo de pesquisadores do departamento; o apoio do IOC na participação em congressos e o incentivo às publicações; diversidade e particularidade da Coleção Helmintológica; considerações sobre o nome da coleção e sua correta designação como Coleção Parasitológica; trabalhos desenvolvidos em equipe e seus resultados; os procedimentos de informatização e acondicionamento da coleção; a abrangência da formação de Lauro Travassos; comentário sobre as metas de trabalho dos pesquisadores; a importância da informatização das lâminas e dos cadernos da coleção; breve comentário sobre o período pós-64 e o trabalho na Coleção Helmintológica.

Data: 01/02/2000

Fita 1 – Lado A

AB – Projeto Memória das Coleções Científicas da FIOCRUZ, entrevista com a Dr^a Dely Noronha, dia primeiro de fevereiro de 2000, fita número 1. (Ruído ao fundo) Entrevistada por Laurinda Maciel, Anna Beatriz Almeida e Nathasha Regazzini... (pausa) Tá ligado.

LM – É... quem começa?

AB – Você.

LM – Eu?

AB – É.

LM - Você já fez a identificação da, da fita?

AB – Já.

LM – Bom, dr^a Dely estamos aqui, né, nós 4 novamente, né, eu, a senhora, a Bela e a Nathasha (igarro) e... pra gente fazer essa entrevista, né? E... bom, então a gente vai começar mais ou menos daquela mesma maneira que a gente havia combinado, que a senhora desse assim... uma rememorada boa, tal qual de repente a senhora deu ao fazer esse depoimento por escrito, né, que foi muito valioso pra que a gente...

DN- Parece mais um memorial, né?

LM – É, mas que, como eu falei pra senhora, como eu e Anna Beatriz havíamos falado, o que a gente gostaria também era de ter isso gravado...

DN- Tá ok.

LM – Né, com a sua voz e tudo, seu depoimento, então eu acho que a gente podia começar com o seu nascimento, com suas lembranças familiares, com... enfim...

DN- A minha vida antes de entrar...

LM – É, isso.

DN - ...dentro da Fundação, a minha vida como, dentro da Fundação, a minha parte de pesquisa e talvez a minha parte de ensino, não é isso?

LM – Isso, exatamente.

DN – Isso pegaria...

LM – Por partes, né, sendo que agora a gente vai se prender mais assim, às suas origens familiares, né?

DN – Bom, é.... meus pais, é, Décio Noronha e Otília Noronha... a minha data de nascimento na minha carteira consta dia 24 do 11 de 42, mas eu nasci em realidade no dia 24 de maio de 42. Então houve uma demora no registro... já que Décio Noronha havia contraído tuberculose. Na década de 40 vocês já viram o que é ter tuberculose, né?

LM – A senhora nasceu no Rio de Janeiro mesmo?

DN – Nasci no Rio de Janeiro, nasci em Laranjeiras...

LM - Laranjeiras.

DN - Na Maternidade Escola das Laranjeiras. E ele fazia questão de registrar, mas ele saiu, teve que sair daqui do Rio e foi pra São Paulo, pra Campos de Jordão. Então, até ele poder vir registrar a correr realmente o registro, houve uma demora muito grande, então com isso se registrou em 24 do 11 de 42 porque não se tinha dinheiro, porque se gastava muito com aquelas injeções de ouro que era dado antigamente, então não se tinha dinheiro pra pagar.... o... o que o governo cobrava de... multa por o registro não ter sido efetuado.

LM – Isso se chamava injeções de ouro?

DN- Se chamava, minha mãe dizia que se chamava injeções de ouro, eu não sei o que que era...

AB- Era um tipo de terapia que se tentou na época.

DN – É, um tipo de terapia.

AB – Sais de ouro, uma coisa assim.

LM – Ah...

DN – É, eram caríssimas, então não tinha para pagar o... o meu registro, então era muito mais fácil, era o mesmo ano, eu vou ficar mais jovem, somente.

LM- (riso) O que não é uma coisa ruim, né?

DN – Não, quando você vai ao médico ele pergunta a tua idade, você não pode se ater a sua idade do registro, eu tenho que dar a minha idade biológica para que ele possa ver o desgaste do meu organismo. Então eu tenho que explicar, eu sou a mulher que vivo explicando as minhas origens.

LM – (riso)

DN – Bom, com o falecimento dele, ou mesmo antes dele falecer, na época do meu batizado, ele sabia que não tinha condições, meu padrinho, Manoel Bragança, ele pediu que tomasse conta, ele não tinha filhos, que ele tomasse conta como se fosse uma filha. Porque ele não tava dando uma afilhada, ele estava dando na realidade uma filha, porque era o melhor amigo do meu pai... e realmente ele foi uma pessoa maravilhosa, foi um pai. É o que eu digo sempre, eu tive a felicidade de ter um pai, porque depois eu fiz esse convite, eu tinha 4 anos quando eu pedi pra que ele fosse o meu pai, porque todo mundo tinha pai e eu não tinha pai. Até os 4 anos eu sabia que eu não tinha pai, mas eu queria ter um pai, todo mundo tinha, porque que eu não ia ter... Então eu pedi pra que poder chamá-lo de pai, a maior alegria dele. Eu me dei, me dava muito bem com ele, e nós conversávamos muito, ele era uma pessoa muito... agradável, apesar de trabalhar como garçon no Hotel Serrador, ele teve muita oportunidade de conhecer muitos políticos na época, né? Ele vinha de uma família de fazendeiros, a fazenda chamava-se Pau Brasil, no município de é... no Município de Araruama e o pai dele, durante o Império, tinha sido dono de cartório, com a saída do Império, perdeu. Porque é aquele negócio, se você é monarquista, você tem um nome, que é Manoel Bragança, então você perde e a fazenda começou a deteriorar em virtude de, vou chamar de meu avô... porque eu não conheci a família de meu pai biológico. Ele não tinha a menor tendência para cuidar de fazenda, deixou na mão de administrador e aquilo foi se deteriorando. E a fazenda tinha 57 alqueires, sendo 2 de mata de verde, eu conheci a fazenda. Eu tive o privilégio de conhecer a fazenda, só tive pena de que quando eles venderam a fazenda, a... o registro da fazenda era um registro histórico, foi pra quem comprou, não precisava ter levado aquilo... Mas, naquela hora, naquela época a gente não tinha... você... obedecia, eu não perguntei: onde é que foi? Papai, mas isso é um documento histórico, podia ter ficado na família. Ah, mas o comprador insistiu tanto. Eu falei: "Mas, ele sabia o que ele queria..."

LM – Hum, hum... Enfim

DN – Mas, deixa pra lá. Então...

AB – A senhora era filha única?

DN – Eu era filha única. Então... é... meu pai, Manoel Bragança, quando eu falar agora meu pai, vocês tenham idéia que é Manoel Bragança. Meu pai, Manoel Bragança, se responsabilizou pela minha educação, ele não se casou com a minha mãe, porque ela não queria se casar. A minha mãe era uma mulher de opinião, na década de 40 ela tentou ser enfermeira, porque não era de bom tom, mas ela fez o curso de enfermagem, tanto que ela serviu de enfermeira para a família (risos). Pra isso servia.

AB – Não era de bom tom em que sentido?

DN – Não era uma carreira, era, por exemplo, costureira, enfermeira, era visto como uma carreira de mulher assim muito livre, tá me entendendo?

LM – Hum, hum.

DN – Quem teve que pegar essa carreira e levar a frente deve ter enfrentado uma barra muito grande. Você podia ser enfermeira da sua família, até seria muito...

LM – Mas, não dar plantão...

DN – Dar plantão...

LM – Isso já era complicado.

DN – Já era complicado.

LM – Uma moral muito rigorosa, né?

DN – Minha mãe era uma mulher que usava calça comprida, quando todo mundo usava saia, usava bolero e disse que não ia casar e não casou. Viveu é... 30 anos sem casar. Nem quando eu me casei, ele queria legalizar, ela perguntou pra mim: “É importante?”, “Não, nunca foi pra mim, você quer? Não. Se não é importante pra você, não é importante pra mim”. Nunca faltou nenhuma reunião, quando eu estava pra me formar, eu pedi ao juiz que ele me permitisse usar o nome, eu não pedi pra ser adotada, eu pedi pra usar o nome em virtude, levei todo a minha documentação, todos os recibos, mostrei que ele foi responsável pela minha educação, então o juiz achou que eu deveria ser adotada e não usar o nome. Ele perguntou pra mim, ele tava todo feliz: (?) vai ser adotado, eu acho. Eu queria usar o nome, que eu achava que tinha, era o mínimo que eu podia fazer pra aquela pessoa que eu gostava como pai, e que tinha sido realmente o pai... Um pai maravilhoso, era o mínimo que eu podia fazer por ele. Mas, na hora de fazer a adoção, na hora de assinar é que eu vi que a minha mãe perdeu os direitos, porque ele era solteiro, então fiquei filha adotiva de pai solteiro, minha carteira de identidade é uma beleza, filha de Manoel Bragança, aí todo mundo: quem é? Filha... aí eu já ponho em qualquer lugar, filha adotiva de pai solteiro, pronto, pra poder não ter que explicar porque que não consta o nome da mãe.

LM – Hum, hum.

DN – A minha carteira do título de eleitor, o juiz não aceitou e disse que não podia ser, que tinha que ter, eu levei pra mostrar porque que eu ia mudar, porque eu já tava com mais de 18 anos quando eu fui adotado. Ele disse que não, que tinha que constar o nome da mãe e o nome do pai adotivo. Então, é uma complicação, então eu sempre tenho a certidão da adoção comigo, que pra, pra eu provar – e a minha carteira de identidade – pra provar que eu sou eu, eu tenho essa documentação toda, é um problema sério. E esse problema vai se estender quando da morte da minha mãe, porque o meu pai, eu pude tirar licença, já que eu tinha o meu pai, ele existia pra poder, mas minha mãe não.

LM – Hum, hum.

DN – Pra colocá-la junto à ASFOC como minha dependente foi um desespero. Então eu peguei a certidão de adoção e pedi, ela entrou como agregada e não como mãe.

AB – (?) saúde também ela.

DN – (?) saúde, ela teve que entrar como agregada, porque juridicamente eu não tinha mãe.

LM – Que loucura, né?

DN – (riso) É, a gente quer ajeitar um lado, prejudica o outro. A gente não... não pensa. Não que eu não fosse, eu poderia ter consertado, já na década de 90 poderia ter consertado, eu ia gastar um dinheirão muito grande, eu não tinha dinheiro, aí falei com meu pai: “Papai, saiu uma nova lei que não pode, que a gente pode colocar o nome de mãe”. Mas, eu acho que ele ficou com medo de que o nome dele saísse, já que era pra... na hora, como é que se diz, de se registrar os filhos, ele era a primeira testemunha. Porque a primeira pergunta dele foi a seguinte: “Como você vai registrar os seus filhos?” Eu assino com todos os nomes, Dely Noronha, Noronha o nome do meu pai biológico; Bragança, meu pai adotivo; Magalhães Pinto, o sobrenome do meu marido. Então dos filhos, eu coloquei como, é, Bragança Magalhães Pinto. E eu me assino cientificamente como Noronha, tentei dividir pra cada um, alguma coisa...

AB – Hum, hum

DN – Ser o mais justa possível.

LM – Pra que não houvesse brigas.

DN – Não houvesse brigas, mas, com minha mãe, quando ela morreu ano passado com um câncer, houve um tumor intracraniano, né, eu não podia tirar licença. Então eu tive, eu sou filha única, foi uma barra difícil. Eu fiquei meio... em (?) de aranha pra poder resolver, tive que colocar pessoa pra ficar no lugar, tive que trabalhar. Por um lado, é bom porque o trabalho distrai, mas por outro é um desgaste muito grande. Bom, eu fui educada. Vamos dizer, meu colégio foi... é uma escola municipal, foi um jardim de infância lá no Campo Sales, no Rio de Janeiro. O que eu me lembro é que ali eu era muito feliz, havia muitas atividades e houve uma atividade de um concurso de desenho que eu fiz e que na escola eu ganhei esse desenho, mas essa, essa, como é que é que esse diz? Esse concurso era entre todas as escolas do Rio de Janeiro, então na realidade foram 10 alunas de jardim de infância que ganharam esse presente. E nós fomos receber esse presente, um livro de história - que aliás eu não gostei muito, eu tinha outros mais bonitos - da mão do Presidente Eurico Gaspar Dutra, entrou no Municipal depois de assistir um balet, que realmente foi uma maravilha. Foi, vamos dizer assim, o meu primeiro contato com balet e eu me apaixonei pelo balet. Eu tava muito mais entusiasmada com a dança do que com que eu ia receber.

LM – E só aquele clima do Teatro Municipal que é lindo, né?

DN – Não é! Eu tava (LM – Aquela arquitetura maravilhosa, tudo muito bonito) extasiada com tudo. Eu nem sabia, (??) tá na hora: fui lá recebi, tudo bem, olha o livro aí. Mas eu queria voltar pra lá, eu me encantei.

LM – Hum, hum.

DN - Vamos dizer assim, a primeira idéia do que que eu seria, eu queria ser bailarina. Curso primário fiz em 3 colégios: um deles, foi num colégio semi-internato, que é Externato Irmã Paula, na, na Avenida Mem de Sá, meu pai que era de família assim tradicional, ele queria me transformar numa lady, muito difícil. Eu uma pessoa hiperativa, eu não me adaptei ao colégio, eu fazia tudo atrapalhada, eu era muito, eu queria correr. Me deram um bordado enorme, era pra bordar um ano um pássaro ponto de (arte?). E sei todos os pontos. Hoje em dia, quando eu quero eu faço tapeçaria, mas quando eu quero. Então aquele bordado enorme eu fiz num mês, porque eu diminuí o pássaro ao meio, costurei por baixo, fiz um ponto de (arte?) bem apertado e terminei, crente que ninguém fosse olhar o verso do trabalho. (riso) Tive que desmarchá-lo.

LM – Deu uma de penélope, né? (riso)

DN – É, que que fiz? Na hora de desmanchar rasguei. Já viu que não... Fui brincar uma vez de pique com uma menina que tinha furado as orelhas, antigamente se furava as orelhas com uma rolha, né, com uma agulha e se deixava uma linha pendurada durante um tempo, você punha mercúrio, iodo, porque naquela época existiam as duas coisas, até que cicatrizasse, pra depois você botar o brinco. Na brincadeira de pique, onde é que eu segurei a menina? Na orelha, rasguei a orelha da menina, outro problema. Então, realmente não dava, eu não tinha, vamos dizer assim, o perfil de ficar dentro de uma escola. A cada corredor tinha imagem da santa, a gente tinha que andar devagar pra poder fazer a reverência, eu vinha correndo e “tchummm” na frente da santa. (riso) (?). Não era pra ficar.

LM – Não deu muito certo (riso)

DN – Não deu muito certo. As notas não eram muito ruins, eu nunca tive grande dificuldade, dificuldade a gente sempre tem, mas, por exemplo, grande dificuldade de aprender, não. Quando eu cismo que quero uma coisa, eu ponho aquilo na cabeça, enquanto eu não consigo resolver aquilo, pode demorar um ano, dois, tempo pra mim é uma coisa que não, não existe... pra poder resolver. O problema é que eu tenho que resolver aquilo da melhor maneira possível. Então, se eu puder resolver mais rápido, melhor ainda. Mas, se aquilo demandar um ano para eu pensar, repensar, não tem problema, tem que sair da melhor maneira possível. Aí foi pra um colégio, onde tivesse meninos, aí me dei bem, eu me dava melhor com os meninos que com as meninas, sempre tive muito amigos, poucas amigas, e... é, mamãe queria filha, tinha tirado um prêmio, todo mundo achava que eu era um gênio. Foi uma porcaria esse prêmio, diga-se de passagem, porque todo mundo achou que eu era um gênio, não era um gênio, era uma pessoa normal. Uma hora lá, ela fez um desenho que alguém achou que tinha... era bom o desenho, gênio? Nunca fui gênio, mas eles achavam que eu era uma pessoa muito inteligente, e ele queriam, todo mundo queria que eu fizesse escola normal. Eu pedi pra eles, eu não tava muito a fim de fazer escola normal, não. Eu não queria. Se me permitissem fazer o concurso pro balet no Municipal, que eu pudesse fazer as duas coisas concomitante. Então me foi prometido, um colega me disse assim: “Olha, os seus pais não vão deixar”. Ela fez o Municipal e eu não: “Olha, estão te enganando”. Aí eu falei: “Vou tirar isso a limpo”. Um

dia eu vi que eles estavam me engabelando. Eu ia fazer o concurso, se eu passasse – e eles achavam que era líquido e certo que eu passasse – eu não ia entrar no Municipal. Eu não passei, simplesmente eu não passei no Instituto de Educação.

AB – Aí não foi fazer o normal?

DN – Não, aí fui fazer o normal, fui pro Instituto Roccio.

AB – Agora no ginásio, antes da senhora entrar no normal, já tinha uma preferência por algumas matérias? A senhora...

DN - É que... a matéria que eu não gostava era português. Nunca gostei muito de português porque eu acho que é uma língua que não é lógica. Porque pra mim, eu tiraria os dígrafos, era Z e Z, C e C, acaba com essa, X com uma batelada de regra, eu acho isso complicadíssimo. Eu faria uma língua lógica...

LM – (riso) Antônio Houaiss deve estar se remoendo todo.

DN – É, fui, minha sogra é professora de português...

LM – Uma língua muito...

DN - Quando eu disse isso (LM – muito difícil, é...) (?) lógica. Você tem que saber, o X tem não sei quantas, 10 ou... 5 maneiras de escrever o X, é exceção, é.... X é X, (?) CH. Então, nunca gostei, então, é aquele negócio, na hora de escrever tem que tomar um cuidado muito grande.

LM – E sem falar em tempos de verbos, né? Conjugação verbal.

DN – É, é, bom, [LM - É um terror... (?) a nossa gramática e a francesa são muito parecidas, né? A regra é, a exceção é maior que a regra.

LM – (riso). É.

DN – É um desespero. Português, eu passava, estudava pra passar, mas...; matemática eu era bem, boa, boa em matemática; ciências eu era boa. Gostava muito de história, sempre gostei muito de história, muito. Não sei se era porque eu convivi com coisas antigas. Ah... eu tenho ainda na casa em Araruama onde eu fiz as excursões, que eu falei que tinha feito na minha casa, se vocês forem lá, vocês entram, vocês têm a impressão que entraram no início do... no final do...

LM – Século XIX.

DN – No século XIX. Eu tenho aquelas cristaleiras com mármore de carrara, aqueles vidros, eu tenho compoteira de cristal, quer dizer, umas coisas, eu não sei se eu fui criada naquilo e gostei, porque tem gente que é criada e não gosta e eu me identifiquei. Eu gostava de história,

tive bons professores, também isso influência muito, né. Quando a gente tem uma sede de saber muito grande, isso eu sempre tive. Curiosidade é, às vezes, eu meto os pés pelas mãos e porque sou curiosa demais, mas eu sempre tive curiosidade. E tive professores que eram bons, e sei lá, eu sempre me dei bem mais com os professores do que com as professoras, é verdade, isso tem que lembrar. Fiz a escola, o ginásio era feito diferente, não sei se vocês querem saber como é que era?

LM – Queremos sim.

DN – Era o seguinte: nós tínhamos de março até junho, eram provas normais, semestrais, tinha peso 1. Chegava em julho vinha a prova... é... uma prova sobre todo o bimestre. Aí vinha o segundo semestre, prova... bimestre, não, era semestre, você pegava, vamos chamar provão, né, eram as provas parciais chamada naquela época, você pegava todo aquele primeiro semestre. A mesma coisa se repetia no segundo semestre. E no final você era obrigado a fazer uma prova oral com pontos sorteados sobre a matéria toda.... Então você tinha que saber, tinha que estar em dia com a matéria. Você gostando ou não, para você tirar o seu 5 era muito apertado. Se você precisasse de meio ponto pra prova oral, você ia entrar precisando de um e meio... era apertado, bastante apertado. E esse tipo de crédito vai até o científico. No científico, eu conheci professores na Escola... é, Municipal Souza Aguiar, que eu passei e não precisei nem, é, como é que se diz, fazer concurso, porque tinha uma média alta. Eu conheci dois professores que me influenciaram bastante, um foi o Dr., professor Júlio Galper, que era médico, hoje em dia a gente diz que é monitoria, monitoria, mas naquela época não existia esse termo, eu entrava de meio dia até as seis, mas ele viu que existia uma sala que seria, que seria o laboratório de química, que estava sujo, cheio de poeira, substâncias que estavam precisando ver se estavam validas ou não. Então ele perguntou que grupo de alunos gostariam de trabalhar, mas a gente teria que chegar as 11 horas. Então se formou um grupo de 10 alunas onde eu estava junto. Então, eu ia mais cedo pra escola, pra poder ajeitar o laboratório de química. Então a minha primeira aula de laboratório, e eu gosto de laboratório, foi com química.

LM – Hum, hum.

DN - Talvez isso explique o meu vestibular pra química.

LM – Certo.

DN – Porque as primeiras de laboratório, depois eu me lembrei, eu falei: gente, esqueci isso. Tudo tem uma razão, como é que eu fiz química, fiquei dois meses e larguei...

LM – É, pois é.

DN – Não é uma coisa. Foi porque eu ajudei a montar o laboratório, tive as primeiras aulas de química dentro, eu ficava maravilhada.

LM – Hum, hum. E já tinha aula evidentemente de ciências biológicas, era assim que se chamava? Ciências?

DN – Não, tinha, era ciências.

LM – Ciências de um modo geral.

DN – Ciências, por exemplo, no ginásio era, eh.... matéria onde eu estudei não existia laboratório, era mais descritivo...

LM – Isso, isso.

DN – Decora, decora, você precisa ter uma capacidade muito grande pra nomes. No científico, eu tive com o Dr. Domingos, que era aqui do Instituto... As aulas dele eram das 4 às 6, coitado, era no final do expediente, a gente cansado. O quadro era uma maravilha, hoje em dia eu reconheço, ele desenhava muito bem, usava giz colorido, procurava dar um nível altíssimo, mas a gente já estava cansado de tanta aula, já tinha tido aula de física, de química, então era uma aula cansativa... Tanto pra ele, quanto pra nós. Mas eu tive um bom relacionamento com o Dr. Machado Filho que me facilitou depois a entrada aqui no Instituto Oswaldo Cruz.

LM – Certo. Hum, hum.

DN – A história...

AB – O Dr. Domingos...

DN – Machado Filho, é Dr. Domingos Machado Filho.

LM – Domingos Arthur Machado Filho.

AB - Domingos Arthur Machado Filho.

LM – É.

DN- É. História, eu tive uma professora que dava aula na Nacional de Filosofia, eu acho que ela dava antropologia, Dr., professora Marina, eu não sei o nome dela toda, pelo menos era o que diziam, se não é, eu sei que ela era da... era professora daquele tempo e dava aula na Nacional de Filosofia, professora Marina. Então, a prova oral era a coisa mais interessante. As civilizações, você, não era número que você tirava, ela tirava quadros, onde tinha, apareciam gravuras que representavam cada civilização. Então primeiro você tinha que identificar aquele quadro, e na aula ela mostrava, talvez por ser antropóloga ela pudesse dar uma aula mais avançada, né? E você, ela pegava, aí você tinha que identificar. Baseado naquilo que você identificava, você, fale tudo que sabe...

LM – Sobre aquela determinada civilização (DN – Você sabe sobre a civilização) que você havia identificado no quadro.

DN – E uma, uma prova com ela poderia de..., por exemplo, eu demorei uma hora e meia falando sobre o... judaísmo, sobre os israelitas, é... tá, tá, eu identifiquei o candelabro, que foi o candelabro aquela coisa mais típica, e não tirei 10 porque eu esqueci que quando... morreu... Salomão houve a divisão. Só porque eu esqueci da divisão do reino, ela me tirou meio ponto. Tinha falado tudo, depois ainda briguei com ela. Aí ela falou: “Mas esqueceu o mais importante, falou o que não precisa”. Mas era assim, era um convívio muito agradável, exigia muito da gente. Mas também davam muito. Quer dizer, você tem às vezes uma cultura geral que muitas pessoas, tive uma cultura geral em história muito boa, mas eu tive bons professores. Então isso me ajudou a ter uma cultura geral...

AB – Informação.

LM – Hum, hum. Informação sólida.

DN – Então o que é que eu fiz? Eu tava pra fazer o científico, fazer uma faculdade. Boa aluna em química tinha ajudado no laboratório, gostava das aulas, vamos fazer química. Fiquei 2 meses e não gostei, não era aquilo. O pré-vestibular não tinha nada a ver comigo. Fui pra... pro vest...

AB – Me explica uma coisa. Ficou, é ficou no pré-vestibular...

DN – Fiquei no pré-vestibular, fiz 2...

AB – Fazia, depois que fazia o científico, fazia um ano...

DN – Um cursinho, um cursinho, um cursinho de pré-vestibular.

AB - ...Como se fosse um cursinho. E nesse cursinho já era direcionado pra carreira que você...

DN – É, de pré-vestibular. Tinha cursinho pré-vestibular pra medicina, pra história, pra biologia, eu fui fazer de medicina, o de, de química.

LM – De química, interessante.

DN – No final de dois meses, eu falei: “Gente, não é isso que eu quero”. Bom, e como dizer pro meu pai que não era isso que eu queria? Problema.

AB – Qual era vontade? O que que ele passava pra senhora que ele tinha...

DN- Ele achava que eu deveria ser médica...

AB - ...Sonho.

DN - ...Já que quando eu ia fazenda eu tinha uma prima que fazia, vamos dizer assim, o tratamento dos colonos. Eu ia, ajudava a fazer curativos, quando alguém da família ficava doente, minha mãe ia acompanhar, eu de criança, ficava no hospital, então ele achava que eu dava pra médica. Fora que ter uma filha médica naquela época dava um status, naquela época doutora era muito bom, todo mundo, aliás, hoje em dia, todo mundo tem um doutor, né?

AB – Tinha essa expectativa, né?

DN – Tinha essa expectativa.

AB – Aí a senhora fez lá a química, dois meses...

DN – Não gostei. Vou, vou fazer história. Não sei se foi o curso que eu escolhi, o cursinho. Eu não gostei. Gente é uma confusão muito grande, muito nome, muita data. Eu não vou me dar bem nisso, não é isso que eu quero. Faz, faz pré-vestibular pra medicina... fiz... era muito difícil, não passei. Aí falei: “Bom, nesse ano, eu tive 3 meses que não foram dedicados à medicina, faz um curso, faz outro, tudo bem”. Aí não gostei desses, desses cursinhos que eu fiz. Vou fazer outro cursinho de pré-vestibular pra medicina, mas em outra, outra escola...

LM – Hum, hum.

DN – Outro cursinho. Aí (?) eu conheci o Fritz de Lauro.

AB – O Fritz.

DN - Que ele dava aula... O professor Fritz de Lauro ele dava aula de biologia, ele era médico, ele era professor do Estado, ele fazia parte de bancas para... concurso de professor, ele tinha um... um... cursinho dado pelo Estado, é... como é que chama, deixa eu só me lembrar... que é muita coisa... ahhh aulas didáticas, como o professor melhorar suas aulas tanto na parte didática da exposição, quais os recursos que um professor poderia usar...

LM – Hum, hum

DN – Também foi a primeira vez que eu entrei em contato com o Dr. Nilton Santos, que depois eu viria a ter contatos mais amiúdes aqui dentro da, do Instituto quando nas reuniões existentes da Sociedade Bras.. das Atas (?) do Rio de Janeiro, que eu vou falar mais tarde.

LM – Hum, hum.

AB – O Nilton Santos ele era do Museu Nacional...?

DN – Do Museu Nacional...

LM – Hum, hum.

AB – E era colega do... do (DN – Geralmente...) (?).

DN – Todos os professores, todos os pesquisadores, eles tinham uma outra atividade, eles eram médicos, tinham dado aula ali. Quase todos professores, porque quem ensinava biologia? Eram os médicos, não existia professor de biologia.

LM – Hum, hum.

DN – Então, eles... ah... ensinar era uma das profissões dos médicos, depois é que houve essa separação entre professor de biologia, né... Pra você dar, ser professor em biologia e você ser médico. Foi uma época... é... sempre dá uma coisa, né, meio difícil, mas tudo bem.... É foi com o Fritz de Lauro também...

Fita 1 – Lado B

AB – Pronto.

DN- O Dr., o professor Fritz de Lauro ele fazia, descrevia apostilas, em sebo é capaz de você encontrar as minhas, eu já não as tenho mais, ele... tinha uma coleção de animais e uma coleção de pedras.

AB – Hum.

DN – E eu comecei a ajudar, a tomar conta, no início levava e trazia – ele tinha um escritório – esse material e guardava. Depois, precisa limpar, precisa completar com líquido. Foi ele que foi me ensinando. Então foi o meu primeiro contato com coleção, e eu gostei.

AB – Aí a senhora ia no escritório dele também.

DN – Eu estudava, o escritório era extensão da minha casa como o lugar de estudo. Não só meu, de quase todos os alunos. Ele tinha um grupo, ele parecia um pouco o [Lauro] Travassos, ele tinha um grupo de discípulos. Era muito agradável, às vezes nós saímos da aula, íamos tomar café, eu me lembro que uma vez nós estávamos tomado café, tinha dado uma aula sobre sífilis, e é... o cursinho ali perto, na Frei Caneca, nós estávamos tomando café, era um grupo muito grande, ele olhou, falou assim: “Olhem discretamente para a perna daquela... daquela mulher”. Todo mundo olhou: “O que é que tem?”, “É sífilis”. Tomando um cafezinho depois da aula. Então é, é, é, e outra coisa que acontecia lá. Você ia estudar, ele deixava a gente estudar, você tava explicando para outra pessoa, ele ficava observando a sua didática, se você estivesse se enrolando na hora de explicar, ele largava o que tava fazendo, às vezes estava escrevendo apostila, ia lá: isso não está certo, você está se enrolando nisso, a pessoa tá dando pra entender isso, isso, e não é. É assim que tem que ser feito. Ele tirava então até a sua compreensão errada... Talvez explique essa minha facilidade de dar aula (riso) (?) você tem facilidade...

AB – Esse contato com ele...

DN – Me ajudou muito na parte da didática de aula.

LM – Com certeza.

DN – Mas, eu... e ele achava que eu não dava pra médica. Minha prima, com quem... eu morei durante 11 anos, nós morávamos numa casa na Ladeira Frei Orlando, 7 porque hoje em dia a casa ainda existe, mas é escadaria, ela pegou, ela contraiu o Mal de (Reitman?), um câncer no sistema linfático. Então tinha que fazer uma biópsia, o Fritz falou: “Você quer ver se realmente dá? Vai pra sala de operação...”

AB – O Dr. Fritz falou isso?

DN – “Vai pra sala de operação... Vá ver se você agüenta”. Eu fui. No primeiro nódulo, eu agüentei; no segundo, eu comecei a enjoar... e perceber que eu ia desmaiar, saí, falei: “Não dou pra medicina”. Apesar de não estar fixando o rosto na minha prima, tava fixando na região do pescoço, eu não agüentei aquele, aquele clima. Então realmente isso foi um fator...

LM – Decisivo.

DN – Que para medicina não dava. Teria que ser mesmo biologia. Ele dizia: “Você dá mais para biologia”.

LM – História natural, na época.

DN – É, aquela história natural, eu faria história natural

LM – Isso.

DN – Então ele me ajudou nessa parte, tanto que quando eu me formei, ele foi o meu padrinho.

LM – Responsável de certa forma pela sua...

DN – Pela escolha ...

LM – Escolha definitiva...

DN - Definitiva de história natural, mas eu precisava, eu já tinha feito um ano, não tinha passado, tava no segundo ano. Meu pai não era tão abonado assim, eu precisava, porque a minha achava o seguinte, eu sempre fui criada que, com responsabilidade, você pode fazer um vestibular, trabalhando. Ia haver um concurso do INSS, tava precisando de laboratoristas. Então porque que eu não ia fazer? Mas eu não tenho, eu não sei essas técnicas todas. Então eu me lembrei do Dr. Domingo tinha uma amiga do tempo da Escola...

Municipal Souza Aguiar que fez, tava fazendo o pré-vestibular comigo lá no Fritz, que estava aqui, ela falou: “O Dr. Domingo tá lá, eu posso falar com ele pra você e marcar uma hora”. Tudo bem. Ela fez isso, eu vim aqui. “Não tem problema, eu arranjo pra você, você aprender pelo menos, porque provavelmente vão preci... você vai aprender meio de cultura, você faz um pouco na bacteriologia, e eu falo”. Então ele falou com o Departamento lá de Bacteriologia, que naquela época não era, era o Dr. (Gobert?) o chefe do departamento...

LM – Doutor?

DN – Gobert.

LM – Gobert.

DN – Mas, eu fiquei com um... a responsabilidade, meio de cultura para aprender, que tomava, era responsável pelo antigo chefe do departamento, Dr. Genésio Pacheco.

AB – Genésio Pacheco.

DN – Então fiz lá um mês, mais de um mês, dois pra aprender todos os meios de cultura. E só sai de lá quando meios de cultura tinham a aprovação do Dr. Genésio. Tava perfeito, eu não invertia nada, não mudava a cor. Porque às vezes você troca, sai um meio de cultura que não tá no padrão. Tinha que ser feito no padrão.

AB – E isso ainda tava no pré-vestibular.

DN e LM – No pré-vestibular.

AB – Quer dizer, em 63, né?

DN – 63. Aí, o que é que aconteceu? Vim almoçar com as minhas amigas aqui. Conheci o Dr. Travassos. Então, me perguntou: “O que que você tá fazendo lá e tal”. E com conversa daqui e conversa dali. Ele tinha também a casa dele lá em Angra [dos Reis], também tinha fazenda, e conversa daqui, conversa... Falou pra mim: “Por que você vai fazer isso?” “Ora, porque, eu preciso de dinheiro pra poder, pelo menos, me manter, pagar as minhas passagens, eu poder ir à um cineminha”. Aí ele falou assim pra mim: “Olha, você pode passar e pode não passar”. Falei: “Concordo”. “Você não queria trabalhar comigo aqui na coleção?”. Digo: “Então vamos ver o que que é”. Olhei, eram uns armários enormes, eu tinha que subir escada. Eu falei: “Olha, tá atrativo...”

LM – (riso)

AB – Era essa coleção das borboletas?

DN – Era a coleção das borboletas. Então, eu agradeci ao Dr. Genésio: “Você não quer fazer repicagem?” Porque eu ia fazer pra fazer repicagem e identificação das colônias. Eu já estava

nessa parte... de identificar o que é que um (estratolococos?), eu já estava nessa parte, eu falei: "Não. E vou trabalhar com o Dr..."

LM – Travassos.

DN – Dr. Travassos. Aí falei com o meu pai: "Olha, eu vou fazer, vou trabalhar, fazer pesquisa". Meu pai (riso) não acreditou muito não, mas...

AB – Eu vou fazer vestibular pra história natural, mudou tudo.

LM – É, e como é que foi a reação familiar, né?

DN – É, é...

LM – Depois de desistir de medicina.

DN – Ele falou assim: "Mas, lá no Instituto?", "É, eu consegui". "Você vai ganhar algum?" "Bom, no início não, mas a gente vai, a gente pode ver o que que se, o que que se consegue". Então, eu vim, o Travassos a gran... deveria ter sido uma das últimas excursões dele pra coleta de material de inseto, porque eu já o conheci com uma dificuldade grande de andar, tendo uma pessoa, era uma pes, como era o nome? Esqueci o nome dele, mas posso dar o tipo físico. Ele era nordestino, alto, antigo lutador de luta de livre. Pra poder colocar o Travassos dentro do carro, tirar o Travassos de dentro do carro, porque o Travassos já tava com dificuldade de locomoção... E ele, ele era chofer de taxi, trazia o Travassos e levava o Travassos. Essa dificuldade vai aumentando ao longo dos anos, ele subia até as escadas, até aqui, nós tivemos que, tinha um muro aqui lateral, nós tivemos que é, botar esse muro abaixo e chamar, e nós chamamos essa passagem lateral aqui que tem, próximo ao muro da favela, de Beco do Travassos. Conhecido na Helmintologia como beco, porque o carro subia e era uma, era muito mais fácil ele caminhar...

AB – E chegar...

DN – E chegar até aqui. Então o que que eu fiz?

AB – Me explica uma coisa, só pra gente falar um pouquinho só da entrada na história natural. Aí a senhora fez vestibular pra Faculdade de Filosofia....

DN – E passei.

AB – E passou. E a opção naquele momento em história natural, era, só era essa, quer dizer, só tinha na Faculdade de Filosofia...

DN – Tinha na UERJ...

AB – Hum.

DN – Que foi a que a Delir fez na UERJ, e tinha a na Nacional de Filosofia, que você não pagava, eu não podia é pagar a faculdade.

AB – Pagar a faculdade.

DN – Porque não seria uma faculdade que o meu pai queria, então tinha que passar pra uma faculdade grátils.

LM – E porque a senhora optou pela Nacional de Filosofia e não pela outra?

DN – Foi o seguinte...

LM – Devido à proximidade? A senhora...

DN – Eu morava perto, não, eu morava perto da Nacional de Filosofia, eu morava na rua do Riachuelo... e poderia ir à pé... Como eu fazia, naquela época não tinha essa coisa, eu ia a pé e voltava, não tinha, não tinha problema. Na UERJ seria mais difícil.

AB – Aí a senhora ingressou e ingressou na faculdade já estando...

LM – Aqui.

DN – Já estando aqui, trabalhando. Mas, o que eu fazia aqui na coleção? Eu cheguei, encontrei uma quantidade de borboletas, elas já estavam condicionadas em... em umas caixas umedecidas, porque... elas são, você captura e depois deixa numa câmara úmida, e eles teriam que ser retiradas dessa câmara úmida, tem uma...estrutura de madeira com um sulco no meio, onde você coloca o abdome do inseto e depois uma... com tiras finíssimas de papel e alfinetes oftalmológicos, você vai abrindo as asas para que elas fiquem naquela posição que vocês vêem na... na... nas caixas de... de, de coleções. Algumas, eu quebrei, eu pensava que poderia jogá-las fora. O Travassos dizia, não, aguarda essas aqui. Eu não sabia o que queria fazer, mas mandava guardar, a gente obedecia. Depois que eu consegui condicionar todas em posição ideal, para serem guardadas em caixas, eu guardava, mostrava pro Travassos que não tinha misturado uma borboleta com outra, porque as cores são, as diferenças são muito sutis, eu não tinha prática e ele tinha prática. Logicamente que algumas, eu... no início eu misturava muito, depois já conseguia o meu índice de acerto aumentar, no início o índice de acerto era nulo, quase, né? O poder de observação era quase nenhum, né, eu fui desenvolvimento...o poder de observação. Quando essa parte estava feita, vamos arrumar os armários, eu tinha que subir escada, às vezes tinha que entrar dentro de um armário que tinha mais de 3 metros pra arrumar as gavetas lá dentro. Muita gente me encontrava encarapetado (riso) em cima de uma, de uma escada arrumando, tirando, colocando naftalina para não estragar as caixas. Isso tá pronto? Ficou pronto em tempo hábil. Ele queria fazer... um estudo desses, dessas borboletas que ele tinha coletado. Então eu comecei a fazer, a estudar as asas, aquelas asas que eu tinha quebrado, eu ia pra lupa, começava tirar as escamas, pra observar as nervuras, eu comecei a ler livros de entomologia, pra poder entender... O que eu eu estava vendo. Ele dava um livro e dava e material. Você lia, o que você não conseguisse entender, ele explicava.

Não havia explicação, você tinha o livro e você tinha o... ser vivo, e vê o que você conseguia tirar. Era assim a orientação. Muitas coisas a gente fica precisando de uma complementação. Um fato interessante foi o seguinte: é que quase todas as borboletas elas pertenciam a família da (?) que tinha um par de esporões na tibia. Eu já tinha visto e tal, mas eu levei um mês, eu e o Travassos. Ele dizia: tem um, tem dois, tem um, tem dois. Todo mundo dizendo que não, que eu tava vendo errado. Não, eu tava vendo certo! Eu não estou conseguindo, não sou dois, são um. Ah você não está vendo... Não estou. Um dia veio o Dr... Hugo de Souza Lopes, que todos os antigos discípulos de Travassos vinham, vinham, vinha, todos da Rural, vinha aqui, todos do Museu vinham aqui. Então havia um intercâmbio porque o Travassos... o Teixeira era uma figura centralizadora...

AB – E o Travassos tinha uma... a entomologia...

DN – Ele trabalhou na entomologia.

AB – Esse grupo da entomologia era muito (LM – Fala ao fundo)

DN – Era muito ligado à ele. Aí o Dr. Hugo... Ah essa menina aí tá brigando, tá teimando, é teimosa, é... ela tá emburrando que tem dois pares. Eu falei: eu vejo dois pares. O senhor que ver pra mim? Ele olhou, falou assim: não, Travassos, tem dois pares.

LM – (riso)

DN – Ela não tá sabendo te mostrar. E ele foi lá, é mesmo. Eu pensei que ele fosse ficar aborrecido porque ele sabia mais do que eu, ele ficou felicíssimo, muito pelo contrário. Bom, agora vai... vai me criar problema, mas ficou muito feliz, porque eu tinha visto, eu tinha acreditado naquilo que tinha visto, eu tinha lutado por aquilo que eu tinha visto. E ele saiu falando: não, não, ela tava certa. Esse era o Travassos.

AB – Tinha esse espaço pra...

DN – Quando ele...

AB – Pra conhecer, pro conhecimento. Queria isso, né?

DN – É.

AB – Agora, tinha que convencer ele, né?

DN – E eu peguei essa mania.

LM – (riso)

DN – Eu muita coisa assim, que eu peguei do Travassos porque eu vivi, convivi com o Travassos tanto aqui dentro, quanto em casa, porque ele tinha, ele sabia que ia morrer, ele era médico, ele sabia exatamente o caso dele, ele falava comigo: eu tenho pouco tempo. Eu

tenho que fazer isso, antes de morrer. Eu combinei com ele: nós vamos fazer. Eu tinha então que trabalhar na casa dele, tinha a lupa, eu ia às, chegava lá às 8 horas da manhã, já tinha tomado café, mas ele me fazia tomar café com ele e com a Odete. Eu almoçava na casa do Travassos, saia às 6 horas, fazia um lanche. Às vezes o meu marido, atual marido, meu marido que é o Dr. Roberto Régis Magalhães Pinto, naquela época era estudante, ele... ele pesquisador aqui do Instituto e me buscava. Outras vezes meu pai ia, e os dois ficavam conversando longa, longo tempo, batendo papo. Quer dizer, eu conheci, eu posso dizer que eu (?) com toda a família do Travassos. Mas, com a Odete, conheci o Lauro, que trabalhou com inseto, com borboleta também, né, o Laurinho, ele chamava. E com o... esqueci o nome do outro, cabeça vai...

AB – Daqui a pouco lembra.

DN – Vai passando.

AB – Agora, como é que era, doutora...

DN – Hum.

AB – Tá aqui no Instituto estagiando e tá fazendo a faculdade?

DN – Aí, a cobrança começou, deixa eu te dizer, a cobrança começou o seguinte: depois que eu comecei a trabalhar com ele, ele não admitiu o insucesso, você tinha que passar. Porque eu era, mesmo que não fosse oficialmente, era do Instituto. Quando eu passei pra faculdade, a cobrança na fa..., deles aqui, era muito grande, porque eu representava o Instituto. E quando eles souberam que eu trabalhava lá, eu tinha que me (?), eu tinha que estar entre as melhores, eu não...não precisava ser a primeira. Porque o Travassos dizia assim: não precisa ser a primeira, mas tem que estar entre as primeiras. A cobrança era grande. Nós tínhamos assim, por exemplo, se tivesse alguma dificuldade, eles, eles tinham um livro, nós tínhamos aqui vários professores de universidades, podiam até ajudar, mas a gente tinha que fazer por onde, havia cobrança, isso havia.

AB – E lá da faculdade, também assim, qual a expectativa que a senhora tinha?

DN – Eu tive bons professores.

AB – Com a faculdade foi...

DN – Foi, a apesar do ano ser difícil, porque eu entrei em 64 na Nacional de Filosofia...

LM – Hum, hum.

DN - ...Foi o ano da Revolução, os professores eram bons, muito bons, principalmente o professor de zoologia... é... que ele tinha vindo da França, o professor Henrique, ele tinha vindo da França, biologia marinha, se vocês olharem o meu currículo eu tenho vários cursos...

LM – Cursos de biologia marinha, eu reparei.

DN – É, é, ele (LM – Vários cursos) (?) da França, de Marseille, pra dar cursinho, quer dizer, ele motivava, nós íamos pra Urca fazer excursão, coletar material, íamos pra manguezal, quer dizer, ele, realmente... dinamizava o curso. Por exemplo, eu tive no primeiro ano, que, duas vezes por mês, nas três praias da zona sul a fim de catar é... areia, porque a minha parte era granulometria e uma outra amiga seria catar os animais que eram encontrados naquela... aquele tatuízinho de praia, né? E... tatuí e (emerita?), nós tínhamos que catar e medir e depois eu tive uma quantidade (riso) de areia pra poder peneirar e medir, nessa época eu tive uma facilidade depois, uma amiga conhecia alguém do setor de mineralogia, e eu consegui fazer isso através de máquina e não manualmente, mas eu disse pra ele: eu consegui. Era, era, o nosso trabalho de fim de ano.

LM – Hum, hum.

DN – (?)...foi um ano... ...

LM- Seria revolver aquela areia e estudar e ver quais as espécies (?)?

DN – Não, as espécies nós já sabíamos.

LM – Certo.

DN – Era tatuízinho e emerita. Então você tinha que pegar...

LM – Emerita?

DN – Emerita. Seria um... um, espera aí, deixa eu te dizer: seria um crustáceo, vamos apagar isso, um crustáceo e seria uma... como é que se diz? Um molusco que você encontraria ali...

LM – Tá.

DN – Então você media a carapaça desses crustáceos, você via a época da, que era na época da, que eles estavam pra...

LM – Desova.

DN- Desova, era a época que as fêmeas estavam grávidas...

LM – Hum, hum

DN – Isso tudo era demarcado.

LM – Que barato, hein? Trabalho interessante.

DN – Cada um faz. E tem uma coisa, como íamos medir muitos, você tinha um vidro, era enorme, todo mundo fazia de todo mundo, porque... a nota seria global e havia um interesse. Também, o trabalho...

LM – Coletivo, né?

DN – Coletivo, seria um trabalho de ecologia que se chamaria hoje

LM – Exatamente.

DN – Então eu tinha o meu professor que fazia isso.

LM – Que ótimo.

DN – Os trabalhos que eu fiz, os cursos que eu fiz de técnica de secção me ajudaram a fazer aqui (riso) a.... a necropsiar bichos, a necropsiar, por exemplo, peixes, com muita facilidade, eu fiz de curso de técnica de animais marinhos, né?

LM – Tá ótimo.

AB – De secção, né?

DN – De animais marinhos.

LM – É.

AB – Isso tudo ele levava pra Faculdade Nacional?

DN – É.

AB – Ele fazia como se fossem cursos?

DN – Cursos...

AB – É...

DN – Curso é... de férias.

LM – Era tipo de extensão, né? Cursos assim?

AB – Cursos de férias.

DN – Um mês o....

LM – Hum, hum

DN – Quem quisesse ia lá e fazia.

LM – Hum, hum

AB – Esse professor, ele (?)...

LM – Esse é o professor Henrique?

DN – Henrique. Quando ele...

LM – Lembra o sobrenome?

DN – Henrique... Rodrigues, eu não sei se era de Oliveira Rodrigues, porque ele tem um nome muito parecido – ele morreu – ele tem um nome muito parecido com o Henrique daqui. Quase que... como é que se chama? Eu vou ver se eu acho aqui (pausa)

AB – Então o nome do professor Henrique era professor Henrique Rodrigues da Costa.

DN – Fizemos uma pausa por causa de um inseto, todas alérgicas (risos), não é? Já está tudo sanado.

AB – Tudo resolvidinho.

DN – Bom, esse... é... professor...

AB – Esse professor teve um grande destaque.

DN – Teve um grande destaque, ele deu o curso e ele queria que eu fosse trabalhar lá no... o convite partiu dele, trabalhar lá na Nacional, trabalhar com um grupinho que era o meu grupinho de estudo... Eram, éramos 4 colegas que preparávamos os, as aulas para (?) fossem depois mimeografadas e distribuídas para os colegas. Então tinha aquele grupinho de frente que hoje em dia é o famoso CDF, né?

LM – (riso)

DN – Não é como vocês chamam?

AB – Aí então nessa época da faculdade ele queria que a senhora fizesse (DN – Já no final, já no final) (?). Já no final.

DN – Já no final ele sabia que o Trava... porque eu me dava bem com ele, que o Travassos já estava com, bem ruimzinho, porque era arterioesclerose, ele ia perdendo não só a capacidade dele de... locomoção, como também de raciocínio. E ele me convidou e eu fui, não vou dizer que não fui, fui um... fiquei uma semana, mas a minha consciência não me permitiu ficar, eu tinha prometido, eu tinha uma, eu tinha um carinho muito especial pelo Travassos, uma

coisa assim de família, pode se dizer, e eu não me senti bem ficando lá. Eu agradeci e eu disse pra ele que não tava me sentindo bem. Ele falou: "Você tá jogando uma chance uma chance fora". Eu falei: "O que que eu posso fazer?" Realmente, ele estava certo, as minhas colegas foram contratadas e eu não fui. Mas, pelo menos eu consegui terminar o que eu tinha prometido ao Travassos, isso para mim é uma coisa...

LM – Hum, hum

DN - ...fundamental. Eu gostava muito do Travassos.

AB – Fechou, né?

DN – Fechou... não posso esquecer que foi uma pessoa que, foi a primeira pessoa que acreditou em mim como pesquisadora, me ajudou, deu uma...tirava de seu próprio salário um dinheiro para que eu pudesse ir para a faculdade, e um (cineminha?), se eu precisasse às vezes de um livro, ele... ele pagava, porque, não é que meu pai não pudesse, meu pai não queria. Era uma maneira dele me pressionar para eu voltar a fazer uma faculdade de medicina. Para vocês terem uma idéia, quando eu me formei, a família toda sabia que eu tinha me formado em história, mas que tinha passado pra medicina e que ia fazer, continuar medicina. Eu tive que dizer: "Não, não vou fazer".

LM – (riso) Caramba.... que cobrança, né?

DN – É uma cobrança séria.

AB – Agora que a senhora falou da história, eu ia pegar um pedacinho até que... eu tinha...

DN – Marcado?

AB – Apontado, marcado. A questão da biologia e da história natural.

DN – Olha, eu acho o seguinte...

AB – Que a senhora tinha colocado (DN – ...ele é tão grande pra gente falar...) (?)...

DN – Eu vou dar um exemplo só, e como eu entreguei um depoimento, quase que um, vamos dizer assim, como é que se chama hoje em dia quando você vai fazer concurso?

AB – Um memorial mesmo.

DN – Um memorial. Tá no memorial essa diferença. Eu vou dar um exemplo clássico que dá pra entender: a parte de matemática, os cálculos que nós fazíamos que era o (Granville?), de matemática eram feitos pelo pessoal de matemática, pelo pessoal que trabalhava em geologia e pelo pessoal de história natural. Então eles viam a ciência como um todo...por isso que era história natural. Você via não só a parte da, da, da parte que tinha vida, como a habitat. Então a gente fazia cálculos como um geólogo precisa fazer, como um... em cálculo, (??) tinha

derivados, que nós fizemos, eu fiz, sabia bastante derivadas e mais 3, ficamos lá fazendo. O pessoal de geologia fez integral e o medi...e o de...matemática, fez exponencial, que eu nunca gostei de logaritmo. Logaritmo...não gosto. Então nós fizemos, no dia prova, todo mundo tinha a parte que o outro tinha sido, tinha feito, aí ele disse que a gente podia consultar, o professor de matemática disse que podia consultar, todo mundo consultou. Todo mundo passou com dez. Ninguém deixou de passar com 10, foi um trabalho em conjunto, durante um ano, mas que surtiu efeito...

LM – Hum, hum

DN – Pode fazer, pode consultar. Acho que ele não pensou que alguém pudesse... dividir o trabalho também e consegui fazer (riso) (AB – Conseguir fazer o que deve), era um livro muito grande, mas até o final dos anos 60 não tinha uma faculdade de biologia?

DN – Não, só quando eu me formei, já no final... (AB – meia, oito...) em 67 houve a necessidade de... definir bem o que seria a biologia, é... e do que seria o restante da, da ciência universal. Porque a filosofia, (?) de filosofia, você vê tanto a parte, como vida, como a parte de, como os minerais, como o habitat, então era uma gama muito grande...

AB – Muita ampla.

DN – Muita ampla. Então houve uma necessidade realmente de se definir os campos e essa definição, eu andei procurando, ela também muito bem... eh... descrita nesse... depoimento que eu entreguei para vocês...

AB – Hum, hum

DN – Eu só citei esse caso da matemática para vocês terem uma idéia (LM – Hum, hum) de como o negócio era puxado...

LM – Hum, hum... e muito abrangente.

DN – Muito abrangente.

LM – Muito abrangente, não é?

DN – Era demais, se todo mundo começa, não tudo bem, é o universo como um todo. Ninguém consegue saber o universo como um todo...

LM – Bem, né?

DN – Bem e... ou razoável. Nem digo bem, ninguém consegue, mas razoável, não é? Você conhece pequenos pontos razoavelmente. Bem, ninguém, ninguém conhece nada bem totalmente. A gente conhece razoavelmente bem, tem sempre alguma coisa que a gente não sabe... A gente sabe menos do que as pessoas pensam que a gente sabe. Muito menos. Bom, já falei da dificuldade do Travassos. Ah! E eu tive essa ajuda do Travassos na faculdade, até

consegui minha de iniciação, porque aí eu passei a viver com a bolsa de iniciação. Aí o meu pai: nossa! Ganhou uma bolsa.

AB – Agora, a bolsa de iniciação naquele momento ela era para pessoas formadas?

DN – Não, de iniciação científica era para estudante. Aí depois vem bolsa de aperfeiçoamento. Vinha no currículo...

AB – A senhora teve a bolsa...

DN – De iniciação.

AB – ...depois que tava na faculdade já teve um momento, que não só era extra-oficial, que já era oficial, já era com o bolsa.

DN – É, era com bolsa e oficialmente aqui no Instituto...

AB – Sei.

DN – ...em 64, porque eu entrei extra-oficialmente em 63.

AB – 63 para fazer aquela coisa da bacteriologia e tal.

DN – Então, oficialmente, 4 de abril de 64, eu entrei aqui como estagiária.

LM – Certo. Então no mesmo ano que a senhora começou a cursar história natural, né?

DN – A faculdade.

LM – A faculdade.

DN - Foi no mesmo ano. Como é que a faculdade era? Era um problema bem... Era bastante, vamos dizer assim... como é que eu vou dizer? Ah! A repressão era grande.

AB – (fala algo baixo)

DN – Pra você ver o termo. (ruído de folhas) Vamos ver o que que...

LM – Dado o contexto político.

DN – Exatamente, e...

AB – (O retrato?) de uma época conturbada.

LM – É.

AB – Na página 3 (risos)

DN – É exatamente isso, porque foi o seguinte: havia inspeções que a gente nunca sabia quando. O governo, eles sabiam, porque eles tinham...Então aquele corredor polonês, que eu chamo corredor polonês. Eram homens altos da polícia especial que formavam, que ficavam no corredor, e você tinha que passar por ali. Você não sabia quando que aquilo ia aparecer. Tínhamos na história natural, ela era no último andar, onde existia, onde ia o elevador, acima tinha umas escadinhas, no andar a cima tinha umas escadinhas, onde ficava o pessoal de história. Então... era aquele problema. Quando havia alguma complicação, o que que se fazia? As salas ficavam abertas, as pessoas, eu não quero dizer que isso seja só de história, mas as pessoas que estavam, que se sentiam em perigo, elas entravam e sentavam com o pessoal de história natural. Isso surtiu efeito durante algum tempo, mas depois tudo se sabe, eles passaram a ser retirados, você não podia fazer nada, porque...porque que você não faz? Ou era você, ou eles, porque se você esboça uma reação, você vai junto. Então, o que que os professores passaram a fazer? Fechar a porta. Era uma coisa constrangedora...

Fita 2 – Lado A

AB – Entrevista com a Dr.^a Dely Noronha, fita número 2, dia 1º de fevereiro de 2000.

DN – Qual era a outra coisa que você tinha que ter em mente? Assinar papéis! O perigo de assinar papéis... os abaixo-assinados, as folhas que eram feitas em papel almanaque e elas poderiam ser utilizadas em outra, em uma outra petição. E as pessoas poderiam ter problemas. Então, tudo isso, eu evitei e vinha para cá. Eu... vou ser sincera, tinha medo de ser presa.

AB – Claro, no contexto...

DN – Não tenho, não tenho perfil de revolucionária (ruído), mas mesmo aqui já começou também a ter uns probleminhas, de ver quem eram pesquisadores que poderiam ser considerados de esquerda, e o professor Domingos (AB – O próprio Domingos Machado) Machado, ele foi caçado, e vocês, melhores do que eu, sabem que é chamado o Massacre de Manguinhos e muito do material que ele estava estudando está aqui para eu poder incluir, não deu tempo de incluir. É muita coisa.

AB – E ele estudava helmintos?

DN – Ele estudava acantocéfalo. Com a...

LM – O que que é acantocéfalo?

DN – Acanto quer dizer ganchos; céfalo, cabeça. Então, na parte anterior do helminto tem uns ganchos numa região que poderia ser cabeça... Então, como não tinha ninguém para estudar, porque cada um já estava com a sua... é... tendência, e eu teria que, com a morte do Travassos, que o Travassos morreu sem saber que o Dr. Teixeira tinha falecido, tem no

depoimento, mas no último ano do... já na década de 70, em 1970, eu já, eu já comecei ter uma orientação com o Dr. Teixeira...

AB – E isso em função até do estado de saúde do (DN – É, é) do Dr. Travassos, né?

DN – Em função... o Travassos tava aqui no hospital, aqui do Instituto, já não havia possibilidade da gente conversar com ele, ele estava mais isolado, então o [João Ferreira] Teixeira [de Freitas] pegou para começar a orientar em helmintologia... Então...

AB – O período todo que a senhora ficou com o professor Lauro Travassos, a senhora ficou...

DN – Com, com...

AB – Mais com as borboletas...

DN – As borboletas...

AB – ...do que...

DN – Tanto que quando houve uma contratação aqui... do pessoal, eu perguntei porque que eu não ia entrar. Ele falou pra mim: você entende mais de borboleta do que helminto.

AB – Ele quem?

DN – Doutor, é...

LM – Travassos?

AB e DN – Não.

LM – Teixeira [de Freitas]

DN – Doutor Teixeira... que era o chefe do departamento.

LM – Ah, tá.

DN – Eu perguntei. Perguntar não ofende.

AB – E aí, então, a partir então desse momento...

DN – Da década de 70, ele começou a me pegar para orientar em helmintos: não, vou te orientar.

AB – Em helmintos.

DN – Em helmintos, mas não pude ter uma orientação muito grande, porque foram meses... ele veio a falecer, mas eu lembro que o primeiro que ele me mandou desenhar, já que eu tinha prática de microscópio e de lupa, foi um helminto que tem um tridente na parte anterior, chama-se *Diprotrofrena*. E eu marquei, ele gostou... ele falou: você sabe? O que você tá vendendo nesse bicho? Eu falei: olha, ele tem um tridente. Parece o tridente de Netuno. Ele riu: é, isso é característica do gênero. O Gênero era tal. Muito bem. Marca a parte anterior. Marquei, botei duas linhas. Não tem. Eu falei: olha, Dr. Teixeira, o senhor me desculpe, mas eu tô vendendo duas linhas. Olha, não tem. Fiquei com ele: tem, não tem. Aí...

LM – Igual as patinhas da borboleta (riso).

DN – Igual as patinhas da borbo... aí a secretária, a Sílvia, fala: olha, ele não é Travassos, hein! Ele: tá, tá bem. Eu digo: bom, então me faz uma coisa Dr. Teixeira, o senhor por favor levanta e vê o que que eu tô vendendo porque eu estou vendendo e o senhor me explica o que que eu estou vendendo. Aí ele falou: você está vendendo a dobra da cutícula que você já representou, essa linha não se representa mais. Eu falei: mas, ela existe. Existe, existe, mas não representa mais. Então, passei a não desenhar aquela linha... Desenhar o que você está vendendo, desenha tudo. Não é que eu quisesse contestar, simplesmente é aquele negócio, pra você pode estar errado, eu estava errada na representação...

AB – Tinha que entender pra poder...

DN – Eu tinha que entender porque tava fazendo errado.

LM – Porque que você tava errada, lógico, lógico. Uma vez que a senhora tava desenhando o que a senhora estava vendendo.

DN – Eu tava vendendo.

AB – E o desenho no microscópio tem toda uma técnica, né? Tem que conhecer a estrutura dos...

DN – Exatamente, exatamente, mas, ele morreu antes que essa... orientação fosse levada à cabo. Então, eu tenho alguns trabalhos em nematóides e depois acharam que eu deveria estudar, eu estudei por minha conta, quase sem ter orientação, os acantocéfalos, que era especialidade do Dr. Domingos [Arthur Machado Filho]. E atualmente (riso) respondo por eles.

AB – Quer dizer que helmintologia mesmo assim...

LM – Ficou...

AB - A senhora se voltando para a helmintologia... começa nesse momento?

DN – Década de 70.

AB – Década de 70.

LM – Já depois de formada, né?

AB – E aí com a morte do Teixeira de Freitas também, com é que a senhora foi trabalhar?

DN – Eu fiquei sob a responsabilidade da Dr^a Delir Correia Gomes, foi minha orientadora...

AB – A senhora ficou direto aqui no Departamento de Helmintologia?

DN – Sempre. Apesar de ter atividades paralelas, porque você pensa o seguinte: eu caso, engravidou, eu casei em 69, no dia em que o homem foi para a lua, né? Se você olhar é a data do... do dia que eu casei. Em 70, Roberta nasce. Em 12 de setembro...

LM – De outubro.

DN – 12 de outubro de 70; quer dizer, eu trabalhei grávida, o Teixeira ficava desesperado, trabalhou até o dia 30 de setembro. Eu vinha de chinelinho. Ele falou: vai ter o filho aqui dentro! (risos)

LM – De chinelinho porque os pés inchavam, né?

DN – Incharam, inchados. Aquela barrigona, mas eu vinha, mas eu tinha o seguinte: você não tinha uma... um emprego fixo, você tem bolsa. Quem se serve, quem vive de bolsa sabe que você tem que pagar suas contas, as bolsas não são pagas... direitinho, nunca foram. E eu acho que continua a mesma coisa, um mês paga; outro mês, não paga e aquela época muito pior, não sei se era muito pior, eu sei que atrasava dois, três meses. Então você ter, pra poder fazer a sua pesquisa, alguma coisa pra você se segurar. Foi aí... que que eu era formada? Era formada em bacharel e licenciada em história natural, história natural. Podia dar aula, então eu dei aula, mas, eu dava aula, chegava aqui à 1 hora e ficava até as 9 da noite trabalhando. Eu completava meu horário.

AB – E dava aula de biolo... de ciências?

DN – Dava aula de ciências, dava aula de ciências. Dei aula... comecei dando aula em colégios particulares, que foram: Jacobina, Externato São Patrício e depois na Fundação Osório... ali em Santa Alexandrina, por dois meses. Depois eu fiz concurso pro Estado, não era o que eu queria, mas era uma coisa necessária. Não foi uma colocação maravilhosa, mas passei. Passei entre, não sei se foi entre os 100 ou 150 primeiros, mas passei porque eu precisava de alguma coisa que me segurasse, porque eu tinha filho... E você trabalhando como professor de colégio particular, você sabe que de uma hora pra outra, eles podem mandar você embora. Eu precisava, não era o que eu queria. Eu queria continuar trabalhando, fazendo as minhas pesquisas, mas eu precisava viver... Então eu trabalhei, comecei a trabalhar de... 3 às 7 da noite e chegava aqui por volta das 7 horas da manhã pra fazer os meus trabalhos. E não tirava hora de almoço. Você esteve aqui e viu que eu não tenho hora de almoço, eu almoço aqui dentro.

LM- É... direto.

DN – É direto, mas a vida inteira foi assim. Essa cozinha que você vê, Travassos almoçava aí, eu esquentava a comida dele. E quando era peixe, quem fazia o pirão dele era eu. Aprendi a fazer com ele. O primeiro, o primeiro foi uma porcaria, mas ele comeu até sair do gosto dele.

LM – (riso)

DN – Porque ele não gostava de pirão requentado.

LM – Tem que ser feito na hora, tá certo (riso).

AB – Então, a senhora se dividia entre as atividades das escolas, como professora, e continuando aqui como...

DN – Sempre fazendo, fazendo trabalho porque eu tinha que manter, porque bolsa é uma coisa muito transitória, muita política de... de concessão de bolsa, você pode de uma hora para outra ficar sem ter nada... É uma coisa muita complicada. E... é uma coisa que me preocupou e me preocupa até hoje com as minhas estagiárias. Eu procuro sempre alertar de ter uma coisa extra pra que elas possam ter uma... uma maneira de viver. Não contar só sempre com bolsa. Então, uma outra atividade paralela... que a per, que permita se a bolsa cortar, não ficar de uma hora pra outra a ver navios.

AB – Certo... Então aí a senhora continuou com a Dr^a Delir...

DN – Com a Dr^a Delyr e...eu só fui con, realmente contratada, contrato civil, foi em 1983. Fui trabalhar com a Dr^a Mirian Tender, no Laboratório de Esquistossomose, sendo responsável pelo moluscário.

LM- Ficou 20 anos, doutora?

DN – É, não estou te falando que eu sou uma das mais antigas?

LM – 20 anos, 20 anos.

DN – Eu sou teimosa.

LM – (riso) Mas, é... a....doutora Delir, Delir Correia, ela foi contratada nessa primeira leva de pessoas que já trabalhavam com helmintologia...?

DN – Já...o Teixeira foi.

LM – Teixeira já. Hum, hum

DN – Já trabalhava na helmintologia...

LM – Certo.

DN – Tanto que ele também entrou...

LM – Hum, hum. Todo mundo entrou nessa primeira leva que a senhora perguntou pro Travassos porque que não entrou, certo?

DN – Depois, houve um problema seleção, quando da instalação da... da Fundação porque antes só existia o Instituto, eu conheci o Instituto. Quando saiu, resolveram que o Instituto iria fazer parte da Fundação Oswaldo Cruz e foi englobado outras... unidades. Eu fiz parte do processo de seleção e... a ideia era que só trabalhasse com coisas ligadas à saúde. Era ou esquistossomose ou Doença de Chagas. E naquela época a curadora da coleção era...e chefe do laboratório... era a Dr^a Delir. Ela que pode falar para vocês o aperto... que ela passou... Nós como bolsistas, eu como estagiaria e bolsista, eu fui bolsista nessa época do (TASPR-1), é o meu curso de aperfeiçoamento, que eu passei com conceito A. Ela pode dizer como foi difícil manter essa coleção aqui, quando na realidade eles queriam mandar esta coleção para o Museu Nacional, como mandaram a coleção de borboletas. Eu tinha sido convidada pelo, pelo responsável pra acompanhar e eu não quis, eu quis ficar aqui no laboratório, porque... eu... criou um vínculo de família. Nós, para você ter uma ideia, a.... natal, essa mesa que você está vendendo aqui é a nossa mesa de natal. Nós comemoramos as nossas festas de natal, os nossos aniversários aqui dentro. Você já esteve aqui... e já viu que chamar aniversário de estagiária... agora mesmo, semana que vem vai ter bolinho pra duas, uma mestrandinha e uma estagiária. Nós vamos fazer a festa delas aqui conosco, porque vivem muito mais conosco do que lá fora... Então esse é um ato que é, tanto as chefias tem, de fazer festas pros técnicos, pros mestrandos, doutorandos e colegas...

Então nós nos constituímos numa família, nós nos ajudamos. Esse espírito de ajuda que o Travassos teve comigo, existe ainda hoje... ninguém vai dizer o que que fez, mas todo mundo já ajudou alguém aqui dentro. Você pode ter certeza.

AB – Botando isso tudo na balança, na hora do convite de ir lá para o Museu...

DN – Ah... não dava, qualquer outro lugar não dava.

AB – E também pesou nesse momento que a senhora já estava indo também para helminto? Já tinha um...

DN – Já tinha, esse espírito (AB – Fala algo) tinha mesmo quando era o Dr... é... Teixeira de Freitas. E... final de expediente, 6 horas a gente parava um pouquinho, tomávamos um chá... ele gostava de chá, não gostava de café; eu sempre gostei de chá, comíamos alguma coisa, e conversávamos, às vezes, sobre trabalho, mas conversávamos também sobre o dia-a-dia, sobre novela, era o dia da gente pôr as ideias do mundo... passada a limpo. O que que a gente pensava, quais eram os problemas. Eles sabiam da nossa vida... Eles nos ajudavam a resolver os nossos problemas e uma coisa que o Travassos tinha é medo e o Teixeira também tinha medo era que quando a gente casasse, principalmente as mulheres, elas carregassem, já tinha

ocorrido casos assim – então acho que a leva de 60 mostrou que quem ficou, ficou, independente de ter filho ou não; as outras largaram.

AB – A senhora entrou aqui no departamento, no Instituto, [19]63 no momento de... ainda era, como é que era essa coisa de ser uma mulher entrando no Instituto?

DN – Eles não acreditavam...

AB - Ainda era um momento muito assim...

DN – Eles não acreditavam muito que a gente fosse levar à frente, achavam que era uma coisa passageira que a hora que nós casássemos, encontrássemos um marido, que tivéssemos filhos, que isso iria passar. Então, não tinha também – é o grande problema – não tinha condição de contratar, era um problema de ter uma estagiária ou uma bolsista, e produzir eh... aquele trabalho. Eu acho, a minha visão agora é essa... antigamente eu não tinha essa visão, mas se tem uma pessoa que se dispõe, por que não aproveitar? Não dar uma co-autoria e... levar adiante?

LM – Lógico. Incentivar, né?

DN – Incentivar e ver se dá ou não. Agora, realmente... era difícil saber se ia persistir. O problema era saber se você... primeiro dado, se você ia persistir na carreira. Hoje em dia está bem mais fácil.

AB – Tinha uma cobrança...

DN – E... uma coisa muito interessante que eu vou voltar a falar, são das Atas da SociBiol.. A presença do [Lauro] Travassos e do Teixeira [de Freitas], como pessoas assim muito respeitadas; eles eram responsáveis por essa publicação das Atas Socibiol, mas ele fazia o seguinte, eles faziam o seguinte: a medida que...

AB – Eram, eram Atas da Sociedade de Biologia, né?

DN – Da Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro. Eu tô aqui com o meu terceiro trabalho, em [19]65. Então o que que eles faziam? Havia uma reunião mensal aqui, então vinham pesquisadores da, do Museu Nacional, a gente conhecia, eles apresentavam esse trabalho; vinham pesquisadores da Rural, eles apresentavam esse trabalho. Depois dessa apresentação, tinha uma ata, tudo mundo assinava; eles apresentavam o trabalho, a gente discutia, e esses trabalhos iriam ser depois, a maioria já estava, alguns estavam nos lugares, outros não, seriam publicados. E tínhamos um chá ou um café com biscoitinhos para as pessoas. Então, a gente conhecia os pesquisadores tanto em sua parte... profissional... como apresentador de trabalhos e como pessoas... a gente teve, é... como é que se diz? Oportunidade de conviver [com eles] como pessoas. E quando éramos nós, apresentando o primeiro trabalho, eu me lembro que o meu eu fiquei vermelha, o pessoal ria. Depois, 'nossa! Você parecia um pimentão'. E os pesquisadores observavam, riem depois. 'Ah! Você ficou assim, você tem que ficar mais descontraída'. Então, eles incentivavam. Isso foi mantido durante um

determinado tempo, mesmo depois da morte do Travassos, mas quando da formação da... Fundação e o.... a política foi norteada muito mais para... é... pesquisa aplicada do que pesquisa pura... e essa parte de governo, essa com... essas reuniões acabaram. Então, passaram-se... passou o que se passou, o termo é certo. Passou-se a enviar trabalhos, mas tinham pessoas específicas para fazer correção de textos, levar para imprimir; então, essas pessoas ficaram muito sobrecarregadas e a sua produção científica diminuída.

LM – Hum, tá.

DN – Então eles quiseram largar, outros não quiseram pegar, então a revista fechou.

LM – Hum, hum. Quando foi que fechou, doutora? A senhora lembra ainda?

DN – Ah, não me lembro direito o ano não... mas eu acho que a Delir deve saber direitinho...

LM – Tá.

DN - ...porque eu ajudava na parte de secretaria, eu ajudava na correção, mas nessa parte de edição, pouco; eu li alguns trabalhos, né, mas, por exemplo, fazer correção de textos... que tinha sido... mandado pra gráfica e aprovado, isso leva um trabalho muito grande. E era o pesquisador que ia, levava o material no seu próprio carro, a sua gasolina... Havia o problema das pessoas não pagarem a...

LM – Hum, hum. Anuidade.

DN – Anuidade, querendo que o trabalho saísse correndo ou pagar só quando quisesse o trabalho.

LM – Enfim, foi difícil.

AB – Aí foi ficando complicado, né?

DN – Fica bastante complicado.

AB – Ficando complicado. Aí a senhora colocou pra gente que nos anos 80 a senhora teve a contratação mesmo efetiva, né? A senhora, 80 e pouco, né, 83 mais ou menos...

DN – É... foi uma... É, 83... espera aí....

AB – A senhora falou agora...

LM – É, na década de 80.

DN – Na década de... [19]80 eu entrei com o contrato civil...

AB – Hum, hum.

DN - ...foram dois anos, depois, em [19]83, houve a contratação efetiva.

AB - Efetiva. E aí com essa contratação efetiva, a senhora foi trabalhar...

DN - Eu trabalhei ainda um ano na... no moluscário e depois retornoi para a coleção.

AB - Mas, esse período no moluscário...

DN - Esse...

AB - ...foi por opção ou a senhora...

DN - Era a única chance que eu vi de ser contratada...

AB - De ser contratada.

LM - Ah, entendi.

DN - ...não era o que eu queria, mas eu já tinha perdido tanta chance.

LM - Não ia perder mais uma.

DN - Não ia perder essa.

LM - Depois de 20 anos (risos).

DN - Exatamente.

LM - É.

DN - Eu tive (AB - Fala algo) que repreender tudo, não tinha conhecimento...

LM - O que que é um trabalho no moluscário?

DN - Ufa! É um matadouro.

LM - Hum, hum. É mesmo?

DN - Meu Deus (risos). É o seguinte: você tem que chegar, olhar, e ...aquário por aquário, retirar (?), tem um técnico, mas geralmente eles não fazem. Você vai mandar, acaba você tendo que ir atrás fazer; retirar os mortos para que não haja putrefação. Você tem que ver se a comida, que é alface, ela é retirada, eles... o alface que o caramujo come é melhor que a nossa, porque aquele talo central é tirado, ela bem lavada. Hoje em dia ela é colocada numa substância como um... um vinagrezinho...um ácido ascético ali, é um ácido que a gente coloca pra matar todos os vermes. É, você tem que lavar aqueles aquários de tempo em tempo. E eu

tinha, quando eu cheguei, o moluscário era com aquário sistema tamponado, eu botei com sistema de água corrente. Eu botei caixas para que a... como é que se diz? A cloração não existisse, porque essas chuvas, como está havendo agora... se não houvesse essas caixas pra você colocar uma substância para você tirar o cloro da água, você poderia, como aconteceu comigo, quase que perder a colônia, porque eles, os animais são...

LM – Sensíveis? É assim...

DN – São sensi...é... o cloro mata! Então eu tive que colocar duas caixas extras, instalar sistema de água corrente, instalar sistema de temperatura, dois aparelhos de ciclo reverso para manter frio no inverno, a temperatura no inverno e calor no, no... frio no calor e ...frio no calor, e no inverno você dar calor para que pudesse ter uma temperatura ideal. Só que ali eu tinha berçário, eu tinha animais da colônia em crescimento, eu tinha animais infectados. Eu tinha que arranjar uma temperatura que eu pudesse atingir tudo. As diferenças de um grau pra... de uma dessas etapas para outra... E, por exemplo, eu vinha sábado trabalhar porque... se eu precisasse, se houvesse a necessidade de uma experiência e eu precisasse ter caramujos, então... é aquele negócio, eu confio, mas eu gosto de estar à testa do que está sendo feito pra não existir problemas. Quando eu saí do moluscário, pra você ter uma idéia, eu deixei 300 caramujos infectados com 5 miracídeos cada, pra depois ver se estavam positivos, e 150 caramujos positivos com 5 miracídeos num sistema de água corrente. E procurei fazer uma biblioteca sobre condições ambientais, sobre moluscário, para que ficasse lá, eu preparei uma pessoa para me substituir para que nenhum dos parâmetros...

LM – Fossem alterados.

DN – Fossem alterados.

LM – Hum, hum. E a senhora trabalhava nesse moluscário sob a supervisão de quem, doutora? Sozinha?

DN – Eu era responsável.

LM – Ah, tá. Hum, hum.

DN – Eu era responsável. Eu tinha dois técnicos... depois um saiu... e... depois veio uma estagiária... mas a responsável, se desse qualquer problema, eu que respondia.

LM – Certo. E esse moluscário ele era fora do...?

DN – Era aqui embaixo¹.

LM – Era aqui embaixo, ah, tá!

¹ Considerando que a entrevista foi feita na Coleção Helmintológica do IOC, no segundo andar, a depoente se refere ao primeiro pavimento do Pavilhão Cardoso Fontes, no campus da Fiocruz.

DN – Se você quiser depois, eu te levo lá pra ver.

LM – Ah, tá.

DN – É o moluscário da Dr. Mirian Tender.

LM – Tá, eu já ouvi falar isso, exatamente. E como que foi a volta pra cá, pra helmintologia?

DN – Muito simples, eu nunca...

LM – Só subir uma escada, né? (riso)

DN – Só subir uma escada. Eu sempre mantive bons vínculos e amizades com as pessoas... é... era questão de tempo, o pessoal sabia que era questão de tempo.

LM – Certo.

DN – Era questão de deixar tudo arrumado... pra que lá não parasse e eu pudesse retornar.

LM – Certo.

AB – Aí voltou direto pra cá, junto da Coleção?

DN – Junto da Coleção, como auxiliar da Delir [Correa]... eu nesse... depoimento, né, eu esqueci de falar uma coisa que eu quero falar de viva voz.

AB – Isso.

DN – Eu tenho tido um apoio muito grande da Casa de Oswaldo Cruz na figura principalmente do [José Carlos] Camello [da Costa] ...

LM – Ah, sim.

DN - ...eu não podia fazer absolutamente a modernização de separatas, se eu não tivesse tido uma supervisão do Camello... Eu não sei o nome dele todo, mas vocês sabem.

AB e LM – José Carlos Camello da Costa.

DN – Ele veio, ele olhou...

LM – Nossa colega.

DN- ...viu se a disposição estava certa. Ele só disse pra mim o que não estava certo. Tudo bem, eu não entendo. Eu perguntei pra ele: como é que é que vamos fazer isso? Vamos fazer, então me diga que tipo de estante eu tenho que comprar. Ele me mandou uma proposta de uma, de uma compra, né. Fui lá, quero isso. Quais os aparelhos que eu tenho que ter? Fiz

igualzinho que ele tem lá. Quer dizer, sem ele eu não poderia colocar, não foi da minha cabeça todos os parâmetros de acordo com o que ele, que é o técnico, com o laudo dele. Eu não entendo, tenho boa vontade de mudar, de acondicionar, mas eu não entendo, não é a minha especialidade. Então, quando a gente não sabe, procura especialista.

LM – Claro.

AB – Então, tá jóia. Então aí a senhora retornou e ficou com a coleção, né? E nesse meio tempo todo, aí a gente vai depois falar mais da coleção, né, pra fechar... do dia-a-dia da coleção. A questão da atividade docente da senhora aqui no Instituto.

DN – A atividade docente é o seguinte: é aula de regra de nomenclatura, praticamente estou, estou como curadora, geralmente eu dou. Ah Dely, você pode dar aula de... acantocéfalos? Geralmente sou eu que dou. Ah tem platelmintos; você pode dar? Porque dá, fulano não pode dar, você pode... aí eu acabei açambarcando, sendo curinga, e eu acho muito ruim. E atrapalhou um pouco aqui no meu trabalho. Os cursos foram dados porque quem fica com a coleção fica com a chefia do laboratório...uma coisa não está desvinculada da outra porque a própria história do laboratório está vinculada à coleção... Elas se confundem, por isso as chefias...

LM – São a mesma.

DN – A chefia é a mesma. Então é aquele negócio, você tem que ver laboratório, compra de material, essas coisas todas, você tem que dar curso, então tô, tava com uma série de coisas que eu comecei e parei. Então eu falei: o ano passado foi o último ano que eu dou aula. Falei: olha, tem gente mais nova, as minhas apostilas estão aqui, entreguei, vocês a partir disso, delas, vocês podem melhorar, leiam, melhorem e dêem as aulas.

AB – Agora, a senhora tava, tá referido no seu currículo tanto no seu memorial, aula desde pra trás, quer dizer, desde os anos 70 a senhora tava atuando...

LM – Desde 73 até 98.

AB – Dando aulas, dando cursos... quer dizer, nesse momento lá pra trás, como é que era dar aula, sendo bolsista, mas já era reconhecida como...

LM – Pesquisadora, né?

AB – Pesquisadora.

DN – Olha, eu era chamada muito, eles me consideravam uma pessoa muito enérgica, muito exigente, porque eu sempre coloquei é... colocar o espírito de observação é... chamar a atenção para a observação. As pessoas olharem os fatos e tiraram as conclusões. Vou dar um exemplo: na oitava série você tem que dar a diferença entre peso e massa. Peso existe uma fórmula: P igual a massa vezes ação da gravidade. Decorar isso, todo mundo decora. A massa é inalterável, ela independe da, da... o que que eu fazia? Eu fazia um probleminha. Um

astronauta está num planeta X, é exata...o planeta X que tem gravidade 10 vezes o me... maior ou menor que a Terra... faz um probleminha pra poder empregar aquilo...

Quando era pra mostrar pressão atmosférica eu fazia um gráfico, fazia um gráfico com uma montanha, tendo uma seta e fazia um outro gráfico ao nível do mar. E pedia para que eles olhassem pelo tamanho da seta, me dissessem onde era que a pressão era maior ou era menor. Quer dizer, não adiantava decorar, que ao nível do mar a pressão é maior e que... tinha que olhar. Então eles achavam que eu era muito, eu era muito exigente...muito, muito exigente. Eu sempre disse pra eles e pros meus alunos, eu nunca escondi que estudei com muita dificuldade, que meus pais não eram ricos e que a exigência na escola, que poderia parecer muito, era menor do que a concorrência na vida lá fora. Até naquela época tinha a Rita Lee, eu dizia que a mãe natureza não dava sobremesa².

Era o que eu dizia pra eles. Vocês estão achando que aqui é ruim? Vamos ver a concorrência lá fora. Vocês têm que estar bem preparados. Quanto melhor, melhor. Isso foi um desgaste até que, vamos dizer assim, o último ano que eu dei aula, eu, no conselho de classe, acabei perdendo a paciência, achando que não tava certo o que eles tavam querendo fazer. As notas aqui, as provas estão aqui como prova, o conselho pode aprovar ou não, eu estou me retirando porque eu estou saindo fora do Estado.

AB – Aí, foi quando a senhora largou a questão do ensino da biologia...

DN – Estou saindo! Eu acho que ficou melhor que a outra, né?

AB – Não, tá ótima.

LM – A gente também está achando.

DN – Sabe o que é que é...?

AB – Eu queria só... (PAUSA NA GRAVAÇÃO)

DN – ...precisar apanhar papel pra fazer contagem, essas coisas todas, uma professora queria saber quem tinha aprovado aquela turma...

Fita 2 – Lado B

AB – Então, o que eu tava querendo falar do...ensino era se essa sua forma de ser exigente e tal também te transferiu para cá? Por exemplo, a senhora participava, e tem lá no seu currículo, dava aula de patologia clínica, de biologia parasitária... esses eram os cursos de formação daqui, daqui do Instituto.

DN – Sempre fui muito exigente...

AB – Nos cursos de mestrado, né?

² A letra da música de Rita Lee, Mamãe natureza, tem um verso que diz: Não adianta a gente chorar, a mamãe não dá sobremesa.

DN – Sempre! Sempre, sempre, sempre, sempre. Teve uma menina que eu orientei que agora, ela trabalhou é... aqui comigo, depois ela fez mestrado e...na, no, na prova do curso de, ela fez como ouvinte do... do mestrado ela não ganhou dez, eu tirei meio ponto pela lâmina que ela tinha feito e mais meio ponto porque ela esqueceu de dar, dizer que o que aquela figura que ela tava vendo, era (colo excretor?). ‘Só por causa disso?’, eu disse: ‘Não, é inadmissível que alguém que trabalha aqui dentro do laboratório faça uma lâmina desse jeito’. Então, ela falou pra mim: ‘você é muito exigente’. ‘É, você aprendeu’. Você, você nunca mais vai esquecer aquele colo excretor e nunca mais vai esquecer a lâmina.

AB – E essa experiência dentro desse, dando essas aulas nesse curso, foi rico assim? Como é que a senhora vê isso? Porque desde 83, quer dizer, enquanto tava aqui...

DN – Rico pra quem? Pra mim ou pra eles?

AB – É, pra senhora. O ensino, quer dizer, essa questão do ensino, mas não o ensino mais no ginásio, o ensino aqui, o ensino aqui nesse espaço.

DN – Logicamente que eu teria que adequar aos níveis, aos níveis, né? E a medida que iam saindo novas publicações, você era obrigado a ler e se atualizar, tem esse lado positivo. Mas, eu acho que, quem ganha mais é o aluno...

AB – Por que é um trabalho desgastante?

DN – É um trabalho desgastante. Você...o que você pode compilar de um ano pro outro ele é bem aquém do que, do trabalho que você tem. Eu acho mais gratificante é você estar fazendo a pesquisa.

AB – Estar fazendo a pesquisa... (?)

DN – Pra mim é mais gratificante.

AB – Falar um pouquinho mais da coleção. A gente queria entender assim, se a gente fosse dar uma explicação para uma pessoa, o que que é a coleção?

DN – A cole...

AB - Como é que ela se forma?

DN - Bom, a coleção ela...

AB – Como é que ela se formou?

DN - Ela se formou através, vai sair um agora... em, como é que se diz? No centenário do IOC eu já mandei o histórico da coleção... ela inicia com os trabalhos do [Adolpho] Lutz e do [José] Gomes de Farias, porque eram os que trabalhavam aqui. [Lauro Pereira] Travassos

foi discípulo do Gomes de Faria. Então, eu tenho a coleção particular, que era a coleção didática do Gomes de Faria, o material que ele trabalhou, então esse material está sendo objeto de estudo e de atualização por parte da Curadoria e do subcurador que é o Dr. Luiz [C. Muniz Pereira] e do especialista em relatórios, o Dr. Joaquim [Júlio Vicente], que o autor de vários catálogos, para que a gente faça uma atualização desse material... e parte histórica vai ficar com a Dr^a. Magali Romero de Sá. Nós pretendemos fazer um catálogo com parte histórica, abrangendo tudo. Não só dessa parte, mas como das coleções institucionais brasileiras incorporadas à coleção [helminiológica]. Então, a parte de coletor ficou pra Magali e de atualização desse material, é nossa.

AB – O que é que é essa incorporação de coleções?

DN – É o seguinte: são instituições, algumas já não existem mais, então eles cederam o material. Por exemplo, Instituto Bacteriológico de São Paulo é uma instituição que não existe mais, era do século passado [século XIX], então mandaram. Você pensou bacteriologia ter helminto? Tinha, então eles mandaram alguns vidros, não sei se todos, não me pergunte se tem todos... mas alguns vidros de lá vieram pra cá.

Instituto Pasteur também mandou, então eu tenho de São Paulo que não tinha nada a ver, mas tinha. Recebemos alguma coisa do Instituto Butatã, da Escola Baiana de Medicina, nós temos... o material do... como é que se diz? Do Pedro Severiano Magalhães. Nós temos a lâmina do [Manuel Augusto] Pirajá da Silva aqui. Então, tem uma série de coisas aqui que na hora que for feito o histórico vai ter uma, dar uma idéia geral da importância histórica. Mas, nós temos a parte da importância biológica; nós temos um acervo de helmintos, de animais em extinção na fauna brasileira... Fora isso, todas as espécies novas, todas as... eh.... todos os helmintos que não parasitam animais que não estão em extinção. Temos também helmintos de animais de extinção de, de outras faunas. Nós temos helminto de elefante aqui... Há intercâmbio, então eles mandam... E a gente também cede... Há depósito, há empréstimo e há doações. Só não damos material para aluno, porque se fosse para fazer isso, a coleção não poderia ser informatizada, nem atualizada. E no Brasil toda a biodiversidade, todos os ecossistemas estão representados.

AB – Me diga uma coisa, é... a... por exemplo, um pesquisador vai pra um... a senhora mesmo vai depois contar pra gente...

LM – As viagens.

AB - ...as histórias das excursões pela Região dos Lagos, né? Mas, assim, pesquisador vai, coleta, traz e aí...

DN – Ele tem, ele tem o seu caderno de necrópsia.

AB – ...incorpora aqui.

DN – Ele é daqui, então ele leva o seu caderno de necrópsia e anota. E aí vai incluir o material na coleção? Ele pega o caderno de necrópsia na coleção, ela passa a necrópsia dele pro caderno da coleção... e esse material vai ser guardado provavelmente em formol ou meio litro

em formal ou aqua 70. Se desse material, ele tem uma numeração, se desse material ou eu for fazer lâmina, ela tem uma outra numeração... Eu tenho uma numeração. Isso é feito agora, porque antigamente não era assim. Antigamente, você misturava um número em formol, um número em bálsamo; no início da coleção não havia distinção. Agora, já alguns, há bastante tempo, temos centenas em formol e centenas em bálsamo... E a meta, que eu depois coloque no computador lá da coleção, o que que tá, antes do, do... do técnico rever o que que tem, as centenas que estão em formol, as centenas que estão em bálsamo, pra ele saber o que que vai procurar... Não só as separatas que vocês estão ajudando a informatizar... mas também isso.

LM – Hum, hum. E quantos itens tem essa coleção, doutora?

DN – De informatização?

LM – É, não, essa de...

DN – Essa ficha?

LM - ...não...

DN – O que que...

LM – É... quantos... não sei como falar bichinhos assim?

DN – Ah quantas amostras!

LM – Amostras, amostras, desculpe pelos bichinhos.

DN – Ah...tá. Deixa eu ver aqui porque....

LM – Não, pode ser aproximado assim...

DN – Não, eu vou pegar.

LM – Não precisa ser uma coisa...

DN – Não, eu não sei se está...

LM – Só de curiosidade, né? Assim pra ter uma idéia do... pra ter uma...

DN – Até hoje 34.247 amostras...

AB – E essas amostras elas podem repetir...é...

DN – Elas podem...

AB - ...a mesma espécie?

DN – Mesma espécie, por exemplo, pra você ter uma ideia, nós...

AB – Mas, porque foram coletadas em lugar X, lugar Y, isso também marca, né?

DN – Isso tem importância na dispersão, por exemplo...

LM – Ah, sim.

DN – Pra nós, pros veterinários isso é muito importante...

LM – Certo

DN - ... no caso das zoonoses... Nós estávamos fazendo um trabalho agora, que vocês quando chegaram eu tava necropsiando, mas (?) laboratório, ver a fauna parasitária desses animais utilizados em laboratório, estávamos abrindo um hamster. Então, nós pegamos dois biotérios institucionais e pagamos hamster comprado em casas que vendem animais. Então, eu tenho, deram... é... a espécie fasciola. E essas fascíolas, independente de elas darem em outro hospedeiro, se estivessem que dar, que ter dado em outros hospedeiros, vamos supor que dê, que dê, mas não é o caso, que essa fasciola desse, é o caso do... oxiúro ou enterobius, vou chamar de enteróbios porque a maior parte das pessoas conhecem, aquele, aquele helminto que dá coceira anal em crianças...

DN – Então eu tenho... todos os roedores quase tem isso. Eu vou ter que ter o de camundongo, eu vou ter que ter o de rato e se eu tiver em ratos ou em camundongos em linhagens diferentes, eu tenho que ter eles na, nas linhagens aqui, porque isso é importante para os veterinários. Essa coleção ela atende a biólogos... Ela atende a veterinários... Então eles têm que saber, foi assinalado? Foi. Em que região do Brasil foi assinalada... Assinalado. Pra você ter uma ideia, tem um menino que tá fazendo uma tese agora com aves e eles tinha achado material, essa... esse helminto - depois eu vou até te mostrar lá no depósito - na cavidade do peritônio, ele tá dizendo na bibliografia.... Quando foi aqui na coleção, o que eu tinha mais era cavidade peritoneal, só que não tinha sido publicado, porque a espécie era conhecida. Então, para ele que é veterinário, e pro grupo de veterinário, isso vai ser muito importante. Além de ter mais outros registros, a dispersão dessa, que é uma ave, no Brasil. Vai ter o caso de patologia, porque ele é patologista. Então vai ter o caso e vai ter o caso, a dispersão e aquele caso que ele achava que era um...

AB – Achado único.

DN - Achado único, tinha, mas porque que não foi publicado? Porque a espécie era conhecida e como nós estamos fazendo taxonomia e sistemática, não dá.

AB – O interesse da zoologia, quer dizer, da...

DN – Da taxa...

AB – Da taxionomia, não era uma coisa... que merecesse a publicação.

DN – Você tem que...

AB – Mas, como interesse da veterinária é...

DN – É, você tem que, é, ver o seguinte: tava difícil publicar. Antigamente, se você achasse um helminto, vamos dizer assim, do Pará; outro na Bahia, fazia-se, a primeira ocorrência, isso hoje é criticadíssimo.... dizem que é duplicação. Isso é dispersão, então tem muita coisa aí, que muito veterinário quando tiver suas teses de mestrado, eles vão levar a publicação, porque hoje em dia esse tipo de publicação não é aceito, já foi.

LM – Por que que não é aceito mais?

DN – Eles... primeiro é dinheiro, né, um difícil problema de publicar. E segundo, eu não sei, é... muita gente acha que não tem...

LM – Não tem relevância assim...

DN – Não, é uma espécie muito conhecida, só para acontecer de ser encontrada, o hospedeiro estava lá, era de se supor que tivesse... mas, só que para o veterinário precisa existir pra ele poder comprovar, não tem “pá”, “pá”, “pá” e pra eles, no caso de zoonoses é importante. Tanto que quando eu fiz a informatização, primeiro eu fiz as perguntas como se eu fosse um estudante de biologia e eu tivesse fazendo uma pergunta ao meu arquivo. Aí depois eu aumentei alguns campos para que essa pergunta atendesse as pessoas que fazem veterinária, que estão fazendo tese e que não sabem nada, quer levantar, por exemplo, quais os helmintos que existem na... em salobra? Pega a salobra, helminto, aí põe (?), aí sai a listagem de tudo, de todos eles... Pra quem faz levantamento de fauna... Eu não tinha pensado nisso, porque a gente sempre quando faz, faz direcionado ao nosso... raciocínio.

AB – Raciocínio.

DN – A gente quando pega já sabe que, que, olha, faz a necrópsia, já identifica pelo menos o gênero. Eu iria pegar por gênero, mas depois eu perguntei: e um aluno que não saiba nada? Que queira saber o que existe. Então eu vou abrir o leque, quer dizer, tive que botar mais campos, então atrasou um pouco a informatização, mas hoje em dia você pode pegar por... por localidade, quais os helmintos que têm. Mas, atrasa um pouco...

NR – As lâminas existiam também informatizadas? A parte dos...

DN – A informatização está sendo feita por, por, comecei a fazer por ordem numérica. Porque que eu achei (?) por ordem numérica? Porque elas devem ser duplicadas e elas devem estar duplicadas e colocadas certinhas, mas nem tudo que deve ser, ocorre. Aí atrasou, vamos ver o que nós faze, pensamos. Vamos voltar para a ordem sistemática dos helmintos, vamos fechar por blocos e depois jogar num, num... como é que se diz? Num registro só. O que estiver faltando, o que não foi duplicado; nessa hora que nós jogarmos, nós vamos saber o

que que tá faltando, aí a gente corrige o fichário, a segunda via, e vamos na ordem numérica, pra não deixar passar nada.

AB – Aí fica tudo...

LM – Certo.

AB – Corretinho, né?

DN – É, tem sempre, tá muito arrumado, mas tem sempre uns probleminhas.

AB – E aí a gente queria que a senhora conversasse um pouquinho com a gente sobre as suas excursões.

DN – Bom, apesar de ser alérgica...

AB – O que que foi isso?

DN – Pois, é. Apesar de ser alérgica, eu teimei em fazer algumas excursões. Eu fui a... meu marido mo..., a família dele é de Alfenas, então nós íamos à Alfenas, tem um pesqueiro, você sabe que parte de barragem, mineiro gosta muito de pescar, tem rio... Vocês não sabem, acho que todo mundo tem uma ideia o que que é um pesqueiro, não tem? São aqueles galões... enormes, né? Feito lata de lixo, são quatro, em cima tem uma tampa, tem feito uma casa de cachorro, só que tamanho gigante, tem uma corda que é amarrada a uma... estaca na beira do rio. E você vai de canoa. Então nós íamos lá, porque eu não gosto muito de pescar não, detesto. Pescar, pessoal pescar, meu sogro era um exímio pescador, hora que tinha uma quantidade suficiente, isso era num sítio de um tio deles, passava a mão naqueles peixes, eu ia 10 ou 15 minutos da cidade de Alfenas, ia pra casa da minha sogra onde tava tudo montado, tal, eu abri...

AB – Deixou tudo montado assim, vocês levaram todo um equipamento para fazer um laboratório, pra ter uma estrutura.

DN – Foi, o Município de Alfenas era uma excursão, eu não ficava abrindo na beira do rio, porque eu não podia, por causa dos mosquitos, mas eu ia pro centro da cidade onde podia. Fizemos alguma coisa na fazenda do Gaspar Lopes, ali eu tive problemas sérios de alergia, né? Foi o Roberto...

AB – Essa fazenda onde é?

DN – Em, no município, é em Alfenas também.

AB – Alfenas também.

DN – Roberto ia com um primo caçar, Roberto atira muito bem, né... e... eu tive problemas em pandarecos, tomar anti-alérgico, ir à médico, mas fiz. Em Araruama é o seguinte: nós

temos o.... o.... Mercado Municipal que recebe do entreposto de Cabo Frio, de uma ilhazinha os peixes. Nós íamos lá, pegamos aqueles peixes que estavam mais frescos e levava pra minha casa; na varanda eu tinha tudo montado também, e fazíamos as necrópsias nas excursões daquela região. Abrimos também alguns peixes da, do rio, porque ali a água é salobra, fizemos, mas sempre eu pedia alguém pra ir pra não, por causa de mosquito. Eu ficava sempre na hora de ver o microscópio e abrir... Geralmente não podia me locomover muito e me meter dentro de mata. Vocês viram que nós, eh... paramos a excursão por causa de um, de um...

DN e LM – Marimbondo.

AB – É, pois é, eu falei, a entrevista por causa disso.

LM – (riso)

AB – E a... essas amostras que a senhora...

DN – Estão depositadas...

AB – Depositavam, depositadas aqui na coleção...

DN – E deram trabalhos.

AB – Quer dizer, foram amostras eh.. de helmintos de peixes, e num momento também...

DN – Nós tivemos...

AB – Na fazenda foram helmiltons, helmintos de...

DN – Na fazenda não foram peixes não, foram aves.

LM – Aves.

AB – Foram aves.

LM – Então, em Minas era mais aves...

DN – Era mais aves que entra; meu marido entrava na mata com o primo dele, né, era ave, às vezes podia ser um pato, às vezes podia ser um macaco, o que for. Naquela época não tinha lei de proteção, mas a gente levava um papel do Instituto... pedindo permissão. Agora, vamos dizer assim, todo o material, levávamos daqui o que? A luva e... as substâncias químicas e as balas eram compradas como o nosso dinheiro, já que nós tínhamos bolsas do CNPq. As balas e, e, as armas existiam na fazenda.

LM – Certo. E me diga uma coisa, Drª Dely, de curiosidade, por exemplo, nesses peixes coletados lá na Região dos Lagos, né, em Araruama que a senhora abria pra fazer necrópsia,

eh... vocês procuravam coletar um peixe de uma espécie, outro de outra espécie, outro de outra espécie? Poderia ser, sei lá, 3, 4 tainhas ou a senhora queria...

DN – Não, não, nós procurávamos...

LM - ...um namorado.

DN – Nós procurávamos...

LM – Como aquilo era feito?

DN – Aquilo era feito, foi feito durante um certo tempo; nós tínhamos um número, geralmente qualquer época, nós tínhamos um número “n”, o nosso número ideal era em torno de 20 peixes, por exemplo, 20 tainhas...mas, eu não abria tudo, 20 tainhas...

LM – Certo.

DN – Na hora que fosse, se tainha, aquela tainha tava com um aspecto...

LM – Bom.

DN – Bom, era aquela que nós abríamos...

LM – Ahhh

DN – Então a gente ia aumento aquela... tínhamos que tomar cuidado pra não colocar mais uma outra espécie para ter que completar o número 10, era o nosso número ideal e esses peixes eram conservados e nós mandávamos para o Museu Nacional para que eles fossem identificados, não era nossa especialidade.

LM – Certo.

DN – E também as aves eram mandadas para o Museu [Nacional], sempre nós tivemos um relacionamento muito bom com o Museu Nacional, pra que houvesse uma identificação.

NR – Aí eles traziam...

DN – Aí nós mandávamos para eles depois a listagem do que nós achavamos.

LM – Certo. E quem que ia nessas excursões, doutora? Era a senhora, de repente (?)...

DN – Não, esses aí é, é, é, essas...

LM - Era uma coisa mais...

DN – Era mais, por exemplo, Araruama era Roberto, eu e Joaquim, Joaquim Julio Vicente.

LM – Certo.

DN – Em Alfenas, eu e Roberto.

LM – Hum, hum, hum. Não ia assim um grupo (DN – Não, não), era uma coisa mais restrita.

DN – Era uma coisa mais restrita. As outras excursões houve. Houve excursões aqui pro Pantanal que ia o Joaquim, ia o Amilcar [Viana Martins], e...teve até uma excursão com o Museu, até com o Museu de História Natural, com o Dr. Alan Chambrier e o Amilcar, Amilcar que foram para a Amazônia, material... parte está aqui, parte tá no Museu de História Natural, de Genebra. Então, depende muito, eu, como eu te falei, com relação a excursão eu tenho que me policiar... Então aonde eu posso ter um, uma certa... uma certa facilidade em virtude de eu ser altamente alérgica. Tentei fazer algumas excursões dentro do que eu podia.

LM – Certo.

AB – Eu acho que a gente podia falar da, da coleção, né? Voltar a falar da coleção. A senhora tinha levantado no memorial (?), né... (barulho)...que a senhora destacava que foram as coisas que a senhora...

DN – Bom, vamos ver...8...

AB – Mais destacaria da...

DN – Bom...

AB – As condições ideais que a senhora colocou, né?...

DN – As condições ideais, eu falei, eu falei das condições, nós separamos, né? E... as condições ideais compatíveis com as coleções estrangeiras, né, a separação física das separatas, aí entrou o Camello, né, as condições ambientais, né. Aí sem a Casa de Oswaldo...

AB – É...

DN – Não poderia fazer. E a inclusão de material no meio líquido que se encontra, que anteriormente tinha um pesquisador que cuidava do meio líquido e o curador cuidava do bálsamo e empréstimos; e esse curador, esse pesquisador se aposentou e me entregou o material. Então eu tive material de [19]63 que eu tive que incluir, incluí em [19]90... deixa em ver quando foi...a data... (fala distante): mas, todo o material em meio líquido foi incluído, eu não tenho mais nada para incluir...

AB – Então ficou...

DN – Ficou umas lâminas pra poder, pra poder incluir, ver o que que é. Porque é aquele negócio: nenhum curador gosta de falar, mas existe material que, às vezes, a gente perde. Eu

estou procurando material que poderia estar perdido. É... tem um fato muito interessante, o Luiz está fazendo uma tese sobre a família oftal, é, a família oftalmídea, e só tínhamos um exemplar que era a espécie-tipo de Travassos. Mexendo nesse material, tava assim, com letra do Travassos, mas nas antigas nós achamos duas lâminas de 1920, aumentando o nosso acervo e que ele usou pra tese dele. Então foi, a gente está procurando e está achando e está incluíndo... mas, é que é muita coisa. Se vocês olharem foi, foi pra mais de 3000 lâminas. Então está se separando. Tem alguma numeração aqui, os cadernos de necrópsia são importantes? São, que número que tem? É de caderno de necrópsia? É, então vai ter que ser determinado e incluídos. Se for lâminas tem que ser incluído porque é muita coisa. Nós tivemos uma época que nós tínhamos muito mais estagiários do que tem hoje, então cada um faz aí e larga a gente... pesquisador naquela hora não viu, porque tava fazendo um trabalho, esquece. Se você não parar pra ver na hora, depois você não vai saber o que fez daqui a um ano, ano passado... Eu pelo menos não tenho condições de lembrar tudo que eu fiz o ano passado com tanta coisa que a gente tem na cabeça.

AB – Então agora o meio líquido está incluído...

DN – É, é...

AB - ...na coleção?

DN – Todo ele. Todo ele. O último...dessa inclusão foi feito... deixa eu pegar aqui o livrinho, são cores diferentes. (barulho de folhas de papel)... ... 90, porque tá tudo anotado aqui.... ...95, terminei a inclusão de todo material no meio líquido.

AB – No meio líquido, tá tudo direitinho.

DN – Não tem mais nada fora do lugar. (DN volta para perto do microfone) É muita coisa... Agora, as lâminas eu vou ter que sentar, depois que essa informatização estiver mais, e ver o que que eu tenho a mais a incluir. (barulho de papel) Já incluí muita coisa no ano passado.

AB – E o trabalho assim que a senhora destacaria, a coisa mais importante pra ser um curador... ... É esse, lógico que é a conservação, quer dizer, vocês são responsáveis pela conservação, pela valorização da coleção e tal, mas e a divulgação da coleção? Também é um...

DN – Nós, essa parte achava que nós somos até um pouquinho fracos, tenho que reconhecer isso. Mas, o problema é o seguinte: também não adianta divulgar se a gente não tem um efetivo grande. A medida que você divulga muito, você vai ter uma cobrança muito grande, eu já tenho uma cobrança grande, se vocês ver a quantidade que pede...

AB – Como é que é o circuito aqui? As pessoas vêm muito, vêm de várias instituições?

DN – Várias instituições. Olha aqui, esse ano...

LM – Essa coleção é a única do Brasil.

DN – Não, existe... no Museu eh... tem uma do Amazonas...

LM – [Museu] Emílio Goeldi.

DN – Emílio, mas ela é a maior da América do Sul e está entre as maiores do mundo.

LM – A coleção da Fiocruz?

DN – Da Fiocruz, ela é tradicional. O problema é o seguinte: o Teixeira desistiu, mas havia dois técnicos só pra coleção. O número de técnicos aqui era muito grande, então as coisas poderiam fluir muito mais rápido. Hoje vocês me viram fazendo necropsia... fosse no tempo do Teixeira quem estava fazendo as necrópsias do Travassos eram os.. eh... eram estagiários com os técnicos. Nós tínhamos dois técnicos e quatro para o laboratório. Hoje em dia a gente tem um único técnico...

LM – Pra coleção inteira.

DN – Pra tudo.

AB – Pro labo, pro departamento e pro...

DN – Então se você, não é que a gente não queira divulgar, houve, por exemplo, quantos empréstimos eu não estou... estão em desquete, só se eu pedisse para imprimir para vocês um relatório.

AB – Não, não, a gente quer ter ideia disso, de, assim, tem muitos empréstimos...

DN – Tem muitos empréstimos...

AB – Troca...

DN – Muita troca... (DN se afasta do microfone) Pra você ter uma leve ideia, do que, esse ano, né, ano 2000, o que que eu já mandei pra fora... ... um mês só, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8... (barulho de folha) 9, 10, 11, 12, 13, 14. São 14... ah... 14 fichas. Desses fichas eu mandei-as todas, então vai de A a C, de A a H... foi muito material.

AB – E isso que instituição solicitou?

DN – Tá até em inglês, como é que é? University, University of...

LM – Connecticut, Estados Unidos.

DN – Vamos ver a outra. A do Paraná é um depósito de (?) e (?). Esse aqui... Manitoba, Canadá. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, porque eu mando a ficha original... Oito. Deve ter ido umas... 20, 30 lâminas. Isso no mês de janeiro.

LM – Nossa! Isso sem fazer divulgação?

DN – Sem fazer divulgação.

LM – Quer dizer, com a divulgação...

DN – Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus, não!

LM – É...

DN – Eu tenho uma bolsista... que é a Patrícia. Vai entrar nesse trabalho, né... do acervo. Tenho a Lícia que digita agora, estou com esse rapaz, que eu não sei, ele vai ficar, porque essa bolsa é por dois anos, quando ele... perfeito...

LM – Aí tá na hora de ir embora.

DN – Vou ter que trocar.

LM – É.

AB – Essa questão do próprio apoio da instituição para a coleção, por exemplo...

DN – Houve um aumento...

AB – Do ponto de vista técnico (DN – Não, não...), estrutura para a coleção...

DN – Não deveriam bater, bater nisso, mas bater de frente, é um problema que tem que ser... eh... atacado. Técnicos para a coleção, já não tem técnico para laboratório, muito menos para a coleção.

AB – Sim, mas como o Instituto responde a isso? Como é que a sua direção responde a isso?

DN – Eu não sei como, porque eu sou chefe. Tem um curso de formação de técnicos pelo Instituto de 2 em 2 anos, a maioria não é aproveitada, vai pra rua, não sei, eu sinceramente não me pergunta, eu não entendo essa lógica.

AB – Mas, no momento, por exemplo, que a gente tem concurso...

DN – Não tem concurso.

AB – Tem pressão dentro do próprio Instituto? Tem aceitação dentro da própria direção no sentido de que tenha técnico...

DN – Isso é uma coisa que nós estamos batalhando, que a gente precisa aproveitar os técnicos formados dentro do Instituto. Nós temos muito doutor e pouco técnico...

AB – E isso pro dia-a-dia da coleção, tem que ter...

DN – Atrapalha, eles atrapalham porque, por exemplo, eu aqui, eu faço de tudo, eu faço desde o trabalho técnico... ao trabalho de curadora, que é a atualização da espécie, é verificação, vamos dizer assim...

Fita 3 – Lado A

DN – Então...

AB – Só um minutinho. É, doutora Dely Noronha, fita número 3, dia primeiro de fevereiro de 2000.

DN – Então tem um responsável pelos empréstimos do material da coleção... tá? E em Nova York o negócio é até, há uma du, nem posso dizer que é uma duplidade de colaboradores, pra cada família existe um curador. Aqui eu tenho filos e um único curador. Existem técnicos, eu não tenho, eu tenho o técnico do laboratório que pode, e agora eu estou com bolsista que às vezes vai fazer de técnico, é um biólogo que vai fazer às vezes de técnico. Eu teria que ter um tecnologista na coleção e um técnico, dois técnicos, um para meio em bálsamo, como era no tempo do Travassos, outro para meio líquido. E quando houvesse algum problema, os dois se interagirem. Eu não tenho isso, seria uma estrutura.

AB – E essa relação da estrutura da coleção, a senhora acha que tem um problema de pessoal sério?

DN – Tem! Teria que ter uma digitadora pra poder continuar... porque esse, o pessoal acha: ah, digitadora manda embora, aí chama a pessoa que eles conseguem... por... não sei... não vamos dizer que é por tomada de preço, tem um nome, né?

LM – Licitação.

DN – Licitação. Aí vem e não sabe nada do que tá sendo feito. Então, você manda embora uma pessoa... que já está acostumada com o nome científico, que, eu tive o trabalho de...

AB – Tem quase que uma especialização já.

LM – É.

DN - Que eu tive o trabalho de ensinar regras de nomenclatura... que está acostumada a procurar em livro. Ela olha, já sabe se mudou, a espécie já mudou de nome ou não. Chega simplesmente pra me perguntar agora somente quando ela diz a assim: tô com um pepino, para eu ver. Vou trocar por uma que eu tenho que fazer tudo de novo. Não há lógica. Eu não consigo entender. Não há tipo de aproveitamento desse pessoal. Eles estão com bolsa, mas até quando? Até quando eu vou poder ter esse fluxo... Essa, vamos dizer assim, as coisas correndo tão bem como estão. Eu me preocupo... Agora...

AB – No dia-a-dia da coleção...

DN – É preocupante porque você não sabe. Até junho, elas estão cobertas e eu, idem, a partir de junho?... ... Não sei, isso anualmente. Acho que todos os curadores passam por isso, não sei se alguém falou isso nas entrevistas. Mas, isso é preocupante. Quando você consegue ter um grupinho... eu tô um grupo muito bem...

AB – Ajeitado.

DN – Ajeitado.

AB – Tem um problema de manutenção.

DN – É, não é um contrato, né? E deveria haver, não sei que tipo de contrato, eu não sei que tipo de contrato, mas precisa.

AB – E os pesquisadores da próprio, do próprio departamento com relação às coleções? Tem todo um reconhecimento do papel da coleção?

DN – Isso tem porque é o seguinte: muito, a coleção serve para depositar o material que eles estudaram e foram necropsiando, pra tirar dúvidas com qualquer outro pesquisador... também serve pra isso e, isso é só pro pessoal do departamento, fazer excursão na coleção, que eu chamo. Pra vocês terem uma ideia, o nosso último trabalho do (?) é uma espécie que foi coletada por Gomes de Faria e foi publicada agora em [19]99, da qual eu faço parte. Não sei quantos anos, 1900, no início do século, o material tava guardado, bonitinho, era uma espécie nova.

AB – E não tinha chegado a ser...

DN – Mas quem é que tem chance fazer, o que eu chamo, excursão à coleção? Só as pessoas que trabalham dentro do departamento... e são helmintologistas. É esse o outro papel que a coleção tem.

AB – Quer dizer, ainda tem muito a se explorar...

DN – Muito...

AB - ...na coleção...

DN – Só nós, quando eu falo nós, são os trabalhos desenvolvidos, é a equipe que tem feito desde de [19]94, mexido em determinado material. Vamos botar por ordem alfabética, né: o meu, Dely, sou eu, né; Joaquim Júlio Vicente e Roberto Régis Magalhães Pinto. Então nós já fizemos vários trabalhos utilizando só material da coleção. Vocês viram aquele mural, depois se vocês quiserem... eu posso até dar os dados, aqueles dados são até àquela primeira

jornada, só utilizando material da coleção. Quantos trabalhos publicados utilizando só o material e quantas amostras vistas. E eu chamo isso de excursão à coleção.

AB – Hum, hum. Hum, hum. E aí esses trabalhos de vocês, a se... vocês têm hábito, vocês vão pros congressos...

DN – São levados pra congressos, eles são publicados, são reconhecidos...sabe por que? Os materiais estão bem condicionados. Eu não podia, nem o Roberto, nem o Joaquim, eh, fa..., trabalhar e publicar uma espécie nova, do início do século (telefone) se ela não tivesse bem condicionada...se... (PAUSA NA GRAVAÇÃO). Esses dados aqui foram apresentados na... na jornada científica de [19]98. Pra vocês terem uma ideia. Em 1994... nós publicamos um trabalho, mas nós vimos 64 amostras. Em 1957, foram publicados dois trabalhos, 165 amostras, que não estavam determinadas. Em 1996, três trabalhos e 273 amostras. Em [19]97, aqui estaria, tava em vermelho, porque estava no prelo, mas foram, já foram publicados dois trabalhos e 239 amostras. E, em 98, também já foi, eh, esse trabalho já foi publicado, duzen..., um, foram dois trabalhos e 235 amostras. Eu não tenho computado o de [19]99. Isso, é o que eu chamo de excursão à coleção.

LM e AB – Hum, hum.

DN – E esses trabalhos foram feitos com aquele grupinho que eu citei.

AB – Vocês três. E aí, nesses congressos, a senhora, no, no, no seu currículo mesmo coloca muito congresso de zoologia e parasitologia.

DN – É, porque estão mui..., mais ligados à nossa área.

LM – Hum...

AB – Quais? Os de parasito...

DN – Parasitologia e os de zoologia.

AB - ...de zoologia.

DN – Porque a nossa coleção ela é dita helmintológica, mas todas as coleções helmintológicas, elas têm tendência de se transformarem numa condi..., numa coleção parasitológica. É a tendência mundial. E, nós estamos com, com essa tendência porque se eu fosse, é, encarar nossa coleção, já tem um nome vai ficar como helmintológica, seriam só en..., endoparasitos, eu tenho ectoparasitos como hirudínea, que são as sanguessugas. Eu tenho uma coleção de sanguessugas que veio com, com o Lutz. Então, na realidade, eu tenho... Teve um pesquisador que fechou no Museu Nacional a parte de crustáceos, ele não... me pediu pra botar uns copépodes aqui, tá. Porque se eu tenho sanguessugas, eu posso ter copépodes, também é parasita.

AB – Quer dizer, a, a coleção, nesse sentido, tá muito mais ampla do que helmintos.

DN – Que helmintos? Muito mais.

LM – É.

AB – É isso. A senhora acha que (?)

DN – Muito mais.

AB – Do quer helmintos. (?) uma coleção parasitológica.

DN – (falam juntas) Parasitológica. Na realidade é uma coleção parasitológica. É o que é a tendência de todas as coleções.

LM – Certo. Por isso a inserção, eh, e a apresentação nesses trabalhos de congresso de parasitologia, né, Dr.ª?

DN – Hum, hum.

AB – E são congressos nacionais e internacionais? Como é que é essa participação?...

DN – Olha...

AB – ...o apoio da instituição pra vocês irem pra esses congressos...

DN – É, é, o apoio é o seguinte.

AB – ...levarem a produção.

DN – Nas... eu como chefe de laboratório, eu tiro a verba de passagem e a verba de, como é que se diz?...

AB – Das diárias.

DN – ...de diária. Então, o primeiro autor é o que vai. Se ele não quiser, vai o segundo. Sempre vai um. Dependendo... Por exemplo, se você, às vezes você mandou um trabalho num congresso, quando você tá com um trabalho que você precisa fazer ...então tá te interessando muito mais concluir...

AB – Terminar o trabalho.

DN – Como agora. O trabalho de hamster. O autor principal, Dr. Roberto Régis Magalhães Pinto. Eu sou a última a... o, a co-autora, tô coordenando o projeto, mas nem eu nem ele tamos com tempo pra ir ao congresso. Quem vai? Vai a doutoranda que tá dentro do trabalho. Alguém vai. Alguém do trabalho vai e apresenta.

LM e AB – Hum, hum.

AB – Esse congresso vai ser aonde?

DN – Vai ser em Cuiabá, agora em fevereiro, dia...

AB – É em parasitologia?

DN – ...de parasitolo... Então, eu consegui, como chefe de laboratório, tinha direito na, na minha, na minha carga as passagens e as diárias. Ela, ela recebeu. Sempre vai alguém do grupo representando...

AB – E aí em condições...

LM – E, sabe uma coisa, uma curiosidade Dr.^a, que eu tenho, que eu acho que nisso difere bastante da nossa área de História, é..., quando eu peguei o currículo da senhora pra gente falar, a Bela pegou, né, pra gente fazer esse roteiro, eu vi que assim, praticamente todos os trabalhos em grupo. Três, quatro autores, né?

DN – Ah. É muito simples...

LM – É uma coisa que na nossa área, né, Bela?

AB – É, é diferente.

DN – Não. Você sabe o que que é?

LM – Não tem muito...

AB – É um trabalho de laboratório.

DN – (?)

LM – É. Por que? É o que? Por que que se dá isso? É um trabalho assim, de equipe...

DN – Equipe.

LM – ...é um grupo?

DN – Equipe. Equipe.

LM – Certo. É um trabalho mais coletivo, né, então nesse sentido.

DN – E há um entrosamento muito grande dentro dessa equipe. Então, nós aproveitamos o que cada um faz melhor...

LM – Certo.

DN – ...para que se possa produzir mais. Fulano tem uma habilidade melhor. A gente sabe. Cada um com..., nós nos conhecemos há mais de 30 anos. Todos somos amigos a longos anos. O que que um desenvolve melhor. Pode, tá entendendo? Todos sabem fazer tudo... mas tem uma habilidade melhor pra isso, então. Tá, oh, tua parte. Aí na hora de discutir os trabalhos e de redigir o trabalho, vamos, vamos redigir. E todo mundo senta e discute.

LM – Hum, hum. Hum, hum. Certo.

DN – Mas, determinadas etapas, a responsabilidade é de cada um. Pra, por isso a gente consegue ter trabalhos (ruído) assim desse jeito.

LM – É.

DN – É, e o entrosamento é perfeito. Nós nos constituímos numa família. Volto a dizer isso.

LM – Hum, hum. E a senhora acha assim, que essa, esse clima tão bom, tão favorável, tão...

DN – Ajuda muito.

LM – ...fraterno...

DN – Ajuda muito.

LM – ...não. Sem dúvida que sim. A senhora acha que isso pode se repetir, ou se repete aqui na Fundação, em outras coleções, em outros laboratórios? Ou a senhora acha que isso talvez, seja uma característica, uma herança do Dr. Travassos, que acabou ficando pra vocês?

DN – Eu acho que é uma herança. Eu acho que é uma herança e o tipo de pessoas que trabalham.

LM – Certo.

DN – Porque muitos, em outras coleções, você encontra... foram discípulos do Travassos, mas, talvez não, não tenham ...encontrado...

LM- Absorvido isso, né?

DN – Não, não, absorvido não, não tenham encontrado terreno pra poder colocar... essa... esse espírito assim de fraternidade, de família... E... talvez uma área muito mais competitiva...

LM – Certo.

DN – Em que a cobrança talvez seja maior... Nós, há uma competição, mas sadia... Não é essa...loucura.

LM – Hum, hum. E nessas outras coleções, com pessoas que trabalham com outras, com outras espécies, existe também essa prática de se publicar trabalhos assim, 3, 4 autores? Essa...trabalhos de equipe como se tem aqui na Helminto?

DN – Olha, eu não sei.

LM – Hum, tá.

DN – Eu não sei porque deve ter... por exemplo, eu acredito, por exemplo, a entomologia abrange várias famílias, várias ordens de inseto... Não é possível que o curador vá até capa, não é que não vá ter capacidade...ele vai publicar em todas as ordens.

LM – Certo.

DN – Deve ter especialistas de cada ordem de inseto... Acho eu, né? Não sei...

AB – Tá jóia. Tenho uma coisa até que a senhora falou da entomologia, eu me lembrei que (Barulho ao fundo) o Sebastião [José de Oliveira] fez uma colocação de que muita não entendia como os trabalhos deles em entomologia saíam com a referência de que eram feitos no, no Departamento de Helmintologia. Por que? Porque o Travassos os trouxe para cá... (DN – Hum, hum) (pelo motivo?) que ficasse aqui o material num contexto onde não tinha espaço para ficar. Quer dizer, o Travassos tinha essa... essa coisa também, né?

DN – O Travassos não era um...

AB - Tanto que era o Departamento de Helmintologia, mas era um...

DN – Ele era um zoólogo.

AB – Era um zoólogo.

DN – Antes de tudo... Antes de tudo zoólogo.

AB – Não tinha essa coisa...

DN – Ele tinha uma visão global dos problemas que era uma coisa assim. Eu ainda não encontrei uma outra pessoa com uma capacidade tão grande.

AB – E aí a gente deixa a senhora fechar...

DN – Eu acho que...

AB – Quiser colocar alguma coisa...

DN – Eu acho que foi falado tudo e... não tem mais nada pra falar, se vocês tiverem alguma coisa pra perguntar...

AB e LM – Não.

DN - ...eu acho que não. Ahh ficou faltando uma coisinha aqui no trabalho, né, eu acho que eu já falei do Joaquim, né?

AB – Hum, hum.

DN – Aqui no, no... no roteiro que eu fiz pra vocês eu não... Ah! (barulho de papel) Eu tenho que fazer uma... um procedimento a ser adorado.

AB – Ah, tá.

DN - Essa aqui, o último, eu tenho que colocar dos 80% que faltam...

LM – Procedimentos a serem adotados com a coleção. (AB fala junto – Espera aí, (?) entender, entender...)

DN – É o último item.

AB – É, a Senhora tá falando da questão do acondicionamento das amostras...

DN – Em meio líquido.

AB - ... em meio líquido.

DN – Porque já foram feitas, já foi feito 20%, pelo Dr. Henrique de Oliveira Rodrigues. E o restante, 80, eu tenho que fazer.

AB – Então é uma grande meta...

DN – A ser...

AB – Da coleção pra ser...

DN – Eu tinha que botar aqui 80%.

AB – Certo. E aqui, no caso, a senhora colocou como as grandes metas: a questão da reprodução fotográfica dos cadernos...

DN – Porque eu preciso desses cadernos, essas lâminas eu preciso saber se é, os cadernos de necrópsias, isso aqui a gente tem que resolver. E esses cadernos têm que voltar para a coleção, nós temos que condicionar, que todo mundo possa ver, mas ninguém possa manusear...

AB – E estarem reproduzidos.

DN – E eles estarem reproduzidos, isso é uma coisa que a gente, acabando esse acervo a gente tem que sentar e conseguir verba para isso...

AB – E aí também a senhora colocou uma outra meta, que seria a inclusão das 2000 lâminas do acervo do Adolfo Lutz...

DN – Que estão faltando.

AB – E são lâminas de helmintos.

DN – Eu espero que sim, porque (riso) a coleção dele é parasitológica.

LM – E onde estão estas lâminas, doutora? Ah, aqui mesmo, tá, hum, hum.

AB – A informatização total da coleção e a mudança do acondicionamento dessas...

DN – Isso, dos 80% que faltam...

AB – Que faltam da, do líquido em...

DN – É isso aí.

LM – Hum, hum, das amostras em meio líquido.

DN – Das amostras em meio líquido. Então a coleção é isso.

AB – A senhora tem quanto tempo como curadora? A senhora entrou em 91, não é?

DN – 91.

AB – Quer dizer, então tá fazendo...

NR – Entrando no décimo ano, né?

LM – Hum, hum

DN – É, décimo ano.

LM – É.

DN – Alguma coisa foi feita, né?

LM – Nossa! Muita coisa, doutora (risos)

DN – Agora uma coisa pra ficar, é, tem que ser falado é que eu não podia fazer nada se essa coleção não tivesse ficado aqui e não tivesse tido alguém que agüentasse...

AB – As pressões.

DN - ...as pressões sofridas em 1964, porque algumas medidas, vamos dizer assim, burocráticas hoje eu já encontrei feitas, eu só implementei algumas... Eu já encontrei uma certa organização...e a pressão eu não a senti porque eu estava como estagiária, não fazia parte do quadro efetivo. Isso tem que ficar bem, se eu pude fazer teve alguém que segurou... Tá bom?

AB – Tá certo, obrigado.